

# AUTORES & LIVROS

Ano V. SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHA" Vol. VIII  
publicado semanalmente, sob a direção de N.º 1  
F. 14/1/945 Mucio Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

## NOTICIA SOBRE ANTONIO DE MORAIS SILVA

Antonio de Moraes Silva nasceu nesta cidade do Rio de Janeiro, na rua do Ouvidor, trecho compreendido entre as ruas da Quitanda e do Ouvidor, conhecida outrora pelo nome de rua da Gadelha, trecho que hoje deve corresponder, mais ou menos, às imediações da sede da *Gazeta de Notícias*. Nasceu ele em 1 de Agosto de 1755 (S. Blake indica o ano de 1757).

Pertencendo a uma família abastada, e teve meios de fazer uma boa instrução, orientada por um sacerdote, seu tio materno. Foi assim as humanidades. E, aos 19 anos, estava em Coimbra, matriculado na Universidade, no curso de Direito. E' então que se liga em grande amizade com Sousa Caldas, mais tarde sacerdote, poeta de inspiração religiosa, um dos nomes principais de nossos fustos literários naquela fase. Foi na ocasião de formatura dos dois amigos que ocorreu a perseguição contra eles movida pelo Santo Officio. Caldas foi preso. Moraes, ocultando-se em um carro de leno, fugiu para Lisboa. Dali passou para a Inglaterra.

Em Londres aproximou-se do embaixador português Luiz Pinto de Sousa Coutinho, depois Visconde de Balsemão, que o fez seu secretário particular. Moraes já levava de Coimbra longos estudos de português, pois ali, constantemente satirizado pelos colegas por não falar bem a portuguesa o idioma, se dera a aturadas leituras de clássicos e de filólogos. Estava em Londres, prolongou esses trabalhos. Entregou-se ao estudo das literaturas inglesa, alemã e francesa. Ao mesmo tempo, tomando como orientação e critério o velho Bluteau, começou a pensar na elaboração de um dicionário português. Para isso, na biblioteca do embaixador Coutinho, e em outras existentes em Londres, encontrou utilidade incensa.

Em 1783 viajou. A princípio vai à Itália e aí encontra de novo seu antigo colega Sousa Caldas. Depois segue para Paris. O representante de Portugal na capital francesa confia-lhe o cargo de secretário da Embaixada. Moraes faz amigo de Filinto Elísio, que sofria neste momento, os tormentos do exílio a que se condemnara para fugir

às perseguições do Santo Officio.

Em 1788 está de novo Moraes em Lisboa. É nesse ano que edita a sua *História de Portugal*. No ano seguinte, dá nos livros Bocal & Cia., o seu *Dicionário*. Era na dois volumes a obra, e foi vendida pela quantia de 2.000 cruzados. Os editores, porém, diante do êxito do livro, ofereceram ao autor a gratificação de 600.000.

Moraes Silva casou-se, em 7 de setembro de 1791, com D. Narcisca Pereira da Silva, filha do tenente-coronel José Roberto Pereira da Silva. Este tenente-coronel em breve era nomeado comandante de um dos regimentos de linha, aquartelados em Pernambuco. Moraes acompanhou o sogro. Veio para o Recife, e ali abriu banca de advogado. Foi nomeado juiz de fora na Paraíba, mas não aceitou o cargo.

A esse tempo, é nomeado para presidir ao Ministério português o Visconde de Balsemão. Moraes recebe do seu antigo chefe um convite para ir trabalhar com ele em Lisboa. Embora para a capital portuguesa, não, porém, para aceitar nenhum cargo, mas para ter o prazer de rever seu protetor, e saudá-lo no poder e que se encontra. A instâncias de Balsemão, aceita um lugar no Brasil — o cargo de juiz de fora e provedor de autarcas da Bahia.

Resultado de seus aturados e penosos esforços na leitura, é ele atacado de uma oftalmia grave. Ao mesmo tempo, sua esposa se acia muito saudosa dos pais. Moraes decide abandonar o cargo que tem na Bahia, e, em 1796, parte para o Recife. Foi residir no Engenho Novo de Moribeca, que era propriedade de seu sogro. No ano seguinte, compra esta propriedade, e dedica-se com entusiasmo à agricultura. Dá-se, com afinco, ao estudo da medicina e da farmácia, e faz-se o médico de sua família, de seus escravos, de toda a sua vizinhança.

Em 1805 recebe o título de coronel das ordenanças de Moribeca. Em 1808 é capitão mor da vila de Santo Antonio do Recife.

No ano seguinte, tem uma grande alegria: visita a capital pernambucana o poeta Sousa Caldas, seu grande amigo, e agora seu hóspede.

Estava ele no exercício de suas funções públicas, quando rompeu no Recife o movimento separatista de 1817, chamado Confederação do Equador. Durante muito tempo, acreditou-se que Moraes havia nele tomado parte. Porém, a Costa, porém, fez aturadas pesquisas em torno da vida do nosso primeiro filólogo, e conseguiu verificar que Moraes de forma nenhuma tomou parte no movimento.

Antes, sua atitude foi a do combate franco aos revolucionários. Ele considerava a revolução como uma *bourgeoisie*, um *atrevimento* grande, que havia de causar muitas lágrimas. Também não participou do movimento constitucional de 1820, prestando o seu apoio ao governador ferido, Luís do Rego Barros. Ainda na Independência, mostrou-se fiel a Portugal, sendo por isso apontado pelas multidões como um *emperrado vareando*, e recebendo vaias na rua.

Retirou-se da política e regressou ao engenho, aos trabalhos da agricultura. Do seu engenho, teve ocasião de se manifestar favorável a Francisco Paes Barreto, contra Manuel de Carvalho Pais de Andrade. Nunca deixou de reconhecer e venerar o poder de 1.º Imperador.

Faleceu Moraes Silva em 11 de Abril de 1824.

### NOTA PARA ESTE FASCÍCULO

Com o suplemento de hoje — o primeiro do oitavo volume — damos início a uma série de estudos acerca dos filólogos brasileiros. Abrimos a série com Antonio de Moraes Silva, cronologicamente o primeiro na escola do movimento. E' ele, pelo menos, o autor de um verdadeiro movimento — o seu *Dicionário da Língua Portuguesa* — modelo ainda insuperado das obras do gênero, no Brasil e igualmente em Portugal.

A Moraes Silva faremos seguir Carneiro Ribeiro, Rui Barbosa, Macedo Soares, Paes Junior, Heráclito Graça, Júlio Ribeiro, Silva Ramos, Ramiz Galvão, Mário Barreto, João Ribeiro, Laudelino Freire, e talvez outros mais.

Na primeira página deste fascículo fazemos — representando o *fac-simile* da página de rosto do *Dicionário* de Moraes, por não nos ter sido possível encontrar retrato desse escritor.

## DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA RECOPILADO

(DOS VOCABULARIOS IMPRESSOS ATÉ AGORA, E NESTA SEGUNDA EDIÇÃO NOVAMENTE EMENDADO, E MUITO ACRESCENTADO.)

ANTONIO DE MORAES SILVA  
NATURAL DO RIO DE JANEIRO.

OFFERECIDO

AO MUITO ALTO, E MUITO PODEROSO  
PRINCEPE REGENTE N. SENHOR.

TOMO PRIMEIRO.

A—E.

LISBOA,

NA TYPOGRAPHIA LACÉRDINA.

ANNO DO 1813.

Com Licença da Junta de Desemboço da Pape.

Ordem na Loja de Bocal & Cia., e Companhia, quasi defronte da Igreja de S. Santa Joana dos Martyres, No 14.

*Fac-simile* da página de rosto do "Dicionário da Língua portuguesa", de Antonio de Moraes Silva. (Tenta-se da 2.ª edição, considerada a melhor. E' a edição que Laudelino Freire fez fotografar)

## SUMARIO

Página 1:	Estudo sobre Verbos.
— Noticia sobre Antonio de Moraes Silva.	Página 10:
— Nota para este fascículo.	— O Rei cidadão, de Moraes Silva.
Página 2:	Página 11:
— Estudos de João Ribeiro, sobre Antonio de Moraes Silva.	— A Vida da Academia Brasileira de Letras em 1944. Relatório do Presidente Mucio Leão.
Página 3:	Páginas 12 e 13:
— Bibliografia de Moraes Silva, de Artur Mota.	— A poesia de Dalzo:
— Alguns fontes para o estudo de Moraes Silva, de Artur Mota.	— Nota sobre Dalzo (com fotografia).
— Revolução de 1817. — Respostas que deu Moraes Silva aos revolucionários, quando o consultaram se queria tomar parte no movimento.	— Bibliografia de Dalzo.
— Moraes Silva, de Laudelino Freire.	— Dalzo, numa opinião do crítico Jacq de Bonneton.
Página 4:	— L'Attente.
— Prefácio da "História de Portugal", de Moraes Silva.	— L'Inconnu.
— Nos tempos de Antonio de Moraes Silva, de Herbert Parentes Fortes.	— Chanson.
Página 5:	— Libération.
— A Inquisição, de Moraes Silva.	— Rondel.
— Antonio de Moraes Silva, de Silvio Romero e João Ribeiro.	— Fidéliné.
Página 6:	— A ma mère.
— Do respeito filial, de Moraes Silva.	— Le Silence.
— A gramática de Moraes Silva, de Lindolfo Gomes.	— Novembre (III).
— Ode, de Moraes Silva.	— Novembre (IV).
Página 7:	— Quétude.
— Carta ao Visconde de Cairú, de Moraes Silva.	— Parva domus.
— Portugal, de Moraes Silva.	Página 14:
— Fac-simile de autógrafa, de Moraes Silva.	— A morte de Romain Rolland.
Moraes Silva, gramático	— Arquivo literário, de C. K. (Celso Kelly).
	Página 15:
	— Versos nascidos do order do Amor de Deus que em si possui Santa Teresa de Jesus. — Tradução de João Alphonsus.
	— Correspondência de escritores. Fac-simile de uma carta de Alberto Faria.
	Página 16:
	— Balada do rei dos Sereias, de Manuel Bandeira.
	— França Júnior, num desenho de Raul Pompeia.
	— A Vida dos Livros.

# ESTUDOS SOBRE ANTONIO DE MORAIS SILVA - João Ribeiro

## UMA NOVA EDICAO DO DICCIONARIO

Um dos grandes monumentos literarios da lenda da independencia do Brasil vai ser a edicao fotografica do — "Dicionario de Moraes" — agora empreendida por Laudelino Freire.

Foi escolhida a segunda edicao que e a melhor do imperceptivel monumento que na especie, desde Filinto Elisio a Rui Barbosa e Candido de Figueiredo, e considerada a tesouro mais precioso da lingua comum, a tentativa mais bem ordenada das ligacoes da autoridade da linguagem classica.

Todos as grandes antecessores da lingua, Adalberto Coelho, Goncalves Viana, Leite de Vasconcelos, Castilho e Camilo reconheceram em tempos diversos a importancia e o cabedal da grande obra de Moraes tão desgraciadamente deturpada em edicoes ineptas e imperfeitas.

Restitui-la a sua grandeza propria foi a tarefa que com grande sacrificio Laudelino Freire desinteressadamente se impo e vai conseguindo com exito absoluto nesta redicao que e mais um servico que começa e levará a cabo o editor da — "Revista da Lingua Portuguesa".

Organizado, há mais de um século, o dicionario da nossa compatriota nada perdeu do seu grande prestigio oracular. Um século, porém, na vida da linguagem e um enorme lapso que não podia passar na inabilidade.

Assim e que Laudelino Freire nos promete ainda um volume suplementar de acréscimos e correções, que venham justificar as necessidades de atualização da grande obra lexicográfica que deve ficar separadamente intangível e imutável na sua imagem grandiosa e primitiva.

O tentame, que é já uma realidade, constitui um dos magníficos serviços prestados à nossa patria e aos seus interesses intelectuais, pois que esse Moraes primitivo que ressurge agora é uma das raridades da bibliografia contemporânea.

Poucos têm a boa fortuna de possuir um exemplar da obra que vai ser vulgarizada em "fac-simile" fotografico em milhares de cópias.

Temos a vista as duas primeiras fascículas, que, pela nitidez e beleza da execução material, dispensam qualquer elogio.

(Imparcial — 30-5-1922)

## EDICOES PREFERIDAS

Um muito amável correspondente procura saber de mim qual o melhor das duas edicoes que aponta do dicionario de Moraes.

E' razoavel supor que a Academia possa responder á pergunta. Eu, de mim, confesso que nada sei, que o que sei é muito pouco e ainda menos adiante, como informagoes.

Livros antigos ficaram quasi sempre na primeira edicao, sendo poucos os leitores. Outras obras que lograram maior aceitação reimprimaram-se por favor das bibliografias e quasi sempre com duvidoso escripto.

As mesmas primeiras edicoes nem sempre eram revistas pelos autores, no outro tempo como hoje.

Nenhum impressor entre nós fazia a que fez Didot, prometendo valioso premio áquella que descobrisse uma gralha na página, que expunha publicamente, dos seus livros.

Camilo, dos ultimos classicos, o mais apertado quanto ao vocabulario, curava muito pouco da maneira de escrever ou por preguico, ou, é possivel, por ignorancia das leis ortograficas.

De Castilho, que ditava a amanuenses e a secretarias de occasiao, não se pode nada afirmar quanto á pureza de qualquer edicao "princeps" do seu peccado.

E, entretanto, esses homens foram os dois maiores classicos do século XIX.

Que dizer dos outros, mais antigos?

Sabe-se que foi um amigo de Vieira, o seu biografo André de Barros, quem lhe prestou o servico de acompanhar a edicao de suas obras.

De Bernardes, apenas um ou dois volumes da "Floresta" passaram sob os olhos.

E a maior parte dos grandes livros dos quintistas correu manuscrito, viciada e alterada pelos copistas.

Para obviar a essas deturpacoes continuas e inevitaveis a exegese filologica criou a ideia das "edicoes criticas", como lhes chama.

A edicao "critica" é feita sobre um manuscrito, e mais antigo que se possa obter. Mas, quasi nunca, é um "autografo". Pelo contrario, são

sempre apógrafos, isto é, cópias de admiradores e entusiastas da autor, por vezes de outras gerações.

Tudo isto contribui para limitar o valor das chamadas "primeiras edicoes".

Eis o que posso dizer a propósito ao amável missivista que supõe em mim autoridade bastante para julgar ou discernir do valor das edicoes do lexico de Moraes, "terceira e quarta", conforme a copia de frontispicios respectivos que me apresenta.

Sei apenas que a "segunda edicao" foi a última de que Moraes conseguiu corrigir as provas tipograficas, e essa, considerada naturalmente a melhor e mais legitima, foi reimpressa por Laudelino Freire, que com essa reproducao fotografica restituiu a fidelidade, primitiva aos textos das edicoes posteriores.

Isso que posso dizer, di-lo-ia qualquer estudioso, e, pois, sem grande fruto recorre ao lusco-fusco das minhas luzes o missivista amável.

(Jornal do Brasil — 8-6-1928)

## MORAIS REDIVIVO

São muito recentemente começamos a ter, no Brasil, uma ou outra edicao fiel dos antigos escriptores.

Lembramos, para exemplo, a "Prosopopeia", de B. Teixeira Pinto, pelo dr. Ramiz Galvão, e os "Apologos dialogais", por Fernando Nery.

Essas edicoes, ainda que bastante exatas, foram moldadas em materiais tipograficos que naturalmente não conseguem a absoluta perfeicao.

Agora, porém, o dr. Laudelino Freire tomou sobre os ombros a empreza, um pouco temeraria, de reproduzir, em "fac-simile" fotografico, algumas obras de grande vulto, como é essa do grande dicionario de Moraes, que abrange milhares de paginas de reproducao.

E-la concluida, a grande edicao, que assinala um momento notavel na bibliografia retrospectiva da nossa literatura.

Para quase todos nós, que tínhamos em grande estima o primeiro dos lexicografos, era coisa impossivel adquirir, a peso de ouro, os raros exemplares que ainda restam e, por vezes, aparecem, do dicionario.

Olto edicoes sucessivas pareciam apostar-se em destruir a obra original, aleijando-a com inaptas emendas e despropositados acréscimos.

Sob a pretexto de ampliagoes, o que fazia, da facia, a ganancia mercantil era desacreditar e desmoralizar o velho tesouro da vernaculidade.

Laudelino Freire propo-se ressuscitar a obra primitiva nas suas feicoes verdadeiras, sem nenhum retoque.

Antonio de Moraes Silva, nosso grande lexicografo, era um tipo reaccionario, empenhado realista e inimigo de todas as ideias novas e liberais do seu tempo.

Parecia-lhe que a Brasil, com D. João VI, havia pacificamente conquistado o maximo das liberdades compativéis com a paz e a ordem publica.

Essa conviccao estava no seu temperamento misoneista, atrabiliario e opinatico; e assim se explicam suas atitudes em diversos e graves momentos da nossa historia.

Quando rebentou a revolucao republicana de 17, em Pernambuco, onde ele vivia, quisera-na como conselheiro, por dar prestigio áquella moagem nacional. Excusou-se, pretextou doanca e explicitamente condenou "aquella barrocheira e atrevimento grande", que só premiava lagrimas e desesperos á ingenuidade dos seus entusiastas.

Pouco depois, a revolucao constitucional que vinha da antiga metropole e repercutia no Brasil, achou-o empedernido, como sempre, nas suas ideias anti-liberais e absolutistas.

Não queria a constituição, que era já o regime dos povos cultos, por medo ás ideias livres e ao espirito de anarquia que sempre as acompanhava.

Era tamanha sua antipatia a quaisquer assomos de emancipação e de liberdade politica, tão grande era o seu horror, que o vemos encalherado contra a independencia, como "corcunda" refratario e irreductivel, nas guerras da separação.

Essa rigidez anti-revolucionaria e ultra-conservadora num brasileiro daqueles tempos, nas primeiras decadas do século, parece inexplicavel, a não ser pela intima psicologia de uma vida qua-

se claustral, indifferente e hostil á agitação popular.

Estudar era a sua unica maneira de viver; queria, pois, a tranquillidade e a ordem a qualquer preço.

O terremoto politico que se generalizava por toda a America, parecia-lhe uma subversão diabólica, incompreensivel e absurda.

Não devemos, entretanto, julgá-lo por esse aspecto nem por essas atitudes torrenhas e impatrioticas.

Como todo politico, ainda mesmo errado, era sincero; acreditava que a legitimidade devia ser a verdadeira fonte da paz e da felicidade.

Esse era o patriotismo ao seu modo e segundo a illusao de seu temperamento. Tinha, pois, razão consigo mesmo e isso o desculpava de não ter razão alguma com o resto do mundo.

A sua grande contribuicao para os letros foi essa obra de unidade espiritual, o grande dicionario da lingua, lentamente composto no silencio e que vai para mais de um século e, ainda agora, o primeiro, o mais perfeito e bem acabado monumento da filologia portuguesa.

Antes do dicionario de Moraes, havia apenas, digna de nota, a vasta enciclopedia de Bluteau, que, a principio, lhe serviu de modelo, informe, fragmentaria, falha de metodo e destituida do verdadeiro caracter de um tesouro da lingua.

O trabalho de Moraes, na 2.ª edicao, que, sendo a principal e a definitiva, é a que Laudelino Freire faz reproduzir em "fac-simile", é obra rarissima hoje. Só a preços exorbitantes é possivel conseguí-la quando aparece algum exemplar nos mercados de livros antigos.

Consideramos um dos maiores servicos que se poderiam prestar á nossa literatura de erudição (em Portugal ou no Brasil) e também um dos maiores preitos que poderia merecer a literatura nacional, essa edicao admiravel, que podia ser o tentame de uma Academia, tal é a grande responsabilidade economica para qual quer editar, a qual jamais foi tentado, nem de longe entrevista, nos dois países que reconheceram sem discrepancia ser esta a maior monumento da nossa lexicografia.

Antonio de Moraes Silva não quis fazer um simples vocabulario, como tantos outros que antes e depois dele foram levados a termo. Quis, sim, organizar um dicionario "de autoridades", segundo os textos antigos e classicos, não só os que foram indicados na primitiva planta da Academia das Ciências, mas, ainda outros, iguais modelos da linguagem tecnica e profissional das artes.

Tive occasiao de experimentar, por mim mesmo, a amplitude do seu esforço; e, ainda que eu não tenha autoridade para o julgar como he mister que se faça, pude, servindo-me dos textos de Moraes, escrever algumas notas sobre o titulo — "Lendo o dicionario", que serão, talvez, um dia publicados, se me sobrar o tempo escasso que resta aos ingratos labores quotidianos, pequeninos e impertinentes.

Foi, porém, nessa humilde tarefa que descobri a imensa e acurada atividade do lexicografo e pude estimar a soma incrível de pesquisas originaes que realizou num terreno quase inexplorado pelos seus predecessores.

Aliás, todos os eruditos portugueses de hoje reconhecem a primazia que, no genero, tem o grande tesouro da vernaculidade ajuntado por Moraes no seu dicionario.

Considero, pois, inestimavel servico essa preciosa edicao "fac-simile" (a maior edicao fac-similada que em todo o mundo se tem feito), a qual nos vulgariza o mais bello obra classica que na especie os dois países de lingua comum até agora produziram.

O velho tesouro, repetimo, ainda uma vez andava aí em sucessivas edicoes espurias, alterada por mãos inabéis, sendo ineptas. Convinha desagrá-lo do insulto que ia, pouco a pouco, desacreditando os quilates do antigo ouro de lei com quanto alquime lhe ajuntavam.

Agora, temos essa restituicao fotografica, fiel e exata.

Devia ser, por sua natureza, uma empreitada oficial, mas é bem que não a tenha sido. No nosso Congresso Legislativo houve já quem, inutilmente, a pedisse e aconselhasse.

Ai está a realidade que se consumou tranquilla e serenamente, sem outro favor que o do publico,

(O Jornal — Setembro — 1923)



## BIBLIOGRAFIA DE MORAIS SILVA -- ARTUR MOTA

## MORAIS SILVA, NA APRECIACÃO DE LAUDELINO FREIRE

1 — Dicionário da Língua Portuguesa — Lisboa, 1789, 2 vols. Of. Tadel, Ferreira, 4.<sup>a</sup> gr. (n.º 1707, da Bib. Brasileira), 2.<sup>a</sup> edição revista e aumentada, Lisboa, Tip. Lauderina, 1813, fol. 2 tomos. É a melhor de todas, porque não sofreu alterações, e não ser as que lhe introduziu o próprio autor.

3.<sup>a</sup> edição, ampliada e dirigida por Pedro José do Figueiredo, que, segundo se disse, lhe acres. cinco a seis mil vocábulos. É de Lisboa, 1823, fol. 2 tomos. (n.º 1706 da Bib. Brasileira), 4.<sup>a</sup> edição — Idem, 1831, fol. 2 tomos. Acrescentada e revista por Teotónio José de Oliveira Velho, que se guio, em parte, por apontamentos ou verbetes do próprio autor, já então falecido.

5.<sup>a</sup> edição — Idem, 1841, fol. 2 tomos. Foi profundamente alterada, afundando modificações na parte escrita pelo autor e substituído de muitos artigos por outros copados, textualmente, pelo Dr. Pêd. Mo. de Constança. O posto António de C. a junção muitos artigos, mas não todos foram aproveitados pelo Dr. Dâmaso. A edição é tão má que apresenta erros com 319 emendas no tomo 1.º e 140 no 2.º, sem levar em conta os erros que não foram reparados pela revisão final.

6.<sup>a</sup> edição — melhorada e muito acrescentada pelo desembargador Agostinho de Mendonça Falcão — Lisboa, Tip. de António José da Rocha — 1858 — fol. 2 tomos.

7.<sup>a</sup> edição, com grande número de termos novos, usados no Brasil e no português da Índia — Lisboa, 1877-1878 — 2 tomos.

8.<sup>a</sup> edição — comemorativa do primeiro centenário da Independência do Brasil, fac-símile da 2.<sup>a</sup> edição de 1813, fotografada pela "Revista de Língua Portuguesa", sob a

direção de Laudelino Freire, Rio de Janeiro, Oficinas da S. A. Lito-Tipografia Fluminense — 1922, 2 tomos.

O exemplar que passamos a catalogar dedica-se a Laudelino Freire, que mo ofereceu.

2 — História de Portugal, composta em inglês por uma sociedade de literatos, traduzida em vulgar com as edições da versão francesa e notas do tradutor português António de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro — Lisboa, of. da Acad. R. das Ciências, 1788, 8.<sup>o</sup> — 3 tomos com XXXII — 339, 371 e 419 págs., tendo o tomo I uma map. do reino. Comprou-se com aditamentos: Lisboa, mesma oficina, 1802, 8.<sup>o</sup>, 1 tomo. A própria edição, com vastos aditamentos, parvenciu em 1819. Hipólito José da Costa também preparou uma edição, acrescentando todas as notas de Moraes, com alguns aditamentos — Londres, of. de Wingrave, 1804, 12.<sup>o</sup>, 3 tomos. A 3.<sup>a</sup> edição (com designação de 3.<sup>a</sup>) emendada e acrescentada com muitos fatos interessantes, até 1850, com algumas novas notas pelo mesmo tradutor — Lisboa, 1828, 4 vols. É edição fustulada. O que nela se fez a D. Mar. I foi escrito pelo padre José Agostinho de Macedo.

José Maria de Sousa Monteiro escreveu a continuação, desde o reinado de D. Maria I até à convenção de Évora-Monte, etc. Lisboa, 1838. Há finalmente edi. compreendendo a obra primitiva de Moraes e a continuação de Sousa Monteiro, sendo uma feita por B. L. Gamiel: "História de Portugal" desde sua fundação até à convenção de Évora-Monte, com um resumo histórico dos acontecimentos, etc. por A. de M. e S. e J. M. de S. M. 10 vols. 3. — Recreações do homem sensível, ou coleção de exem-

plos verdadeiros e falsos, nos quais se dá um curso de moral prática, conforme as máximas da sã filosofia — traduzida de Mr. Arnould. Lisboa, 1821, 8.<sup>o</sup>, 5 tomos. Inocência acredita que seja a 2.<sup>a</sup> edição.

4 — Epítome da gramática portuguesa — Lisboa, of. mão Tadel Ferreira — 1806 — 8.<sup>o</sup> de VIII — 165 págs. Foi escrito em 1802 no Engenho novo da Moribeca, em Pernambuco, e reproduzido na 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> edições do Dicionário.

5 — Gramática portuguesa — Rio de Janeiro, 1821 — Existe este livro na biblioteca municipal do Rio de Janeiro — Talvez seja nova edição do antecedente, ou obra escrita com ampliação.

6 — Poesias de Alípio Duclasse (enriquecidas de muitas notas filológicas do próprio João de Moraes) — Lisboa, 1812 — vol. 2.<sup>o</sup>, o que faz crer que haja o 1.<sup>o</sup>. Esse exemplar foi oferecido por D. Pedro II ao Inst. Hist.

7 — Moraes — Vol. V da Estante Clássica da Revista de Língua, 1.<sup>o</sup> dir.

por Laudelino Freire — Rio de Janeiro, S. A. Lit. Tip. Fluminense — Agosto de 1921 — in. 4.<sup>o</sup>, 95 págs. São extractos da obra de Moraes, acerca o prefácio alguns trechos da "História de Portugal", o prólogo da 1.<sup>a</sup> edição do "Dicionário", dos fragmentos das "Recreações de um homem sensível", um esboço sobre os verbos, quatro cartas e uma ode. (1).

(História da Literatura Brasileira — Epoca de Transição).

António de Moraes Silva. — Não tem o título poder de ocultar e delir a memória de um homem, quando esse homem há legado o nome a monumento de glória imortal, que no-lo herdou a ação fecunda do seu gênio.

Deu Moraes à sua pátria o primeiro dicionário da língua. Isso, tão da breve assim dito, parece pouco, mas foi muito; foi tudo; e tanto se levanta, exalta e sublima a sua obra, que, diante do sacrégo que lhe guarda os despojos no ingresso da Condição dos Militares, no Recife, tem a gratidão nacional o dever de, penetrando a seriedade das mves, dizer aquele título: "Não apagarás a memória do nome que tragaste".

Enquanto o Brasil começava de vislumbra as primeiras alvas da sua independência e, em metrópole, se extenuavam os filólogos no amando e menseio do idioma que nós, ainda mal educados étnicamente, principiávamos a falar, um brasileiro havia, para beneditina, que li, compunha, elaborava e escrevia um livro, que veio a ser, e é, e que continua a ser o mais importante lexão da língua.

Obra que só do esforço, engenho e localidade de muitos costuma a ser, é a fez sozinho; trabalho que só por si, promove a criação de acadêmicos, de, de, de recursos, o levou ao cabo. Diz-se que lhe antecipara e facilitara a execução o vocabulário de Rafael Bluteau. E por que não? E por que, como ele, não escutarão outros a Bluteau para compor obra congenera?

Não teve Moraes por bastante o vocabulário do letramento padre. Por o muito que esse vale, nele inspirou-se e dele utilizou-se, mas no grau que indicam estas palavras:

— "Entendi também que, conversando muito os tais Autores, e que poderia fazer alguma pro-

gressos, e fui continuando em o resolver por mais de seis anos. Acompanhei este estudo com os auxílios de Bluteau, que achou muitas vezes em falta de vocabulários e frases; e aqui frequentemente sobejo em dissertações desproporcionadas e estranhas do assunto, que fazem avolumar muito a sua obra.

Este título tem-me animado a escolher para meu trabalho o que ele traz propriamente português... De que recolhi das minhas leituras foi supprir as falhas e diminuições que nele existia; a quem tiver lido o Bluteau e conferir com o seu este meu trabalho, verá que não foi pouco o que ajuntei, e mais poderia acrescentar, se as minhas circunstâncias me não levassem forçado a outras aplicações mais frutuosas".

Certo é que pôde Moraes, leito a termo, no seu tempo, um conhecimento que não logrou dar a Academia de Lisboa, posto o tivesse iniciado, cinco anos mais tarde, com a publicação do tomo correspondente à letra A, e no qual ficou.

Andam, não por não BLUTEAU e MORAIS intimamente unidos na política da grande obra que conceberam e realizaram. Seus nomes cresceram na posteridade e envolveram-se de igual benemerência, assim como, inspirados do mesmo espírito, se completam as suas obras. Ainda, hoje, após transcorrer mais que secular, são os seus dicionários as fontes de maior autoridade, as melhores referências e arquivos mais dignos de fé, em que se conserva parte do tesouro da língua portuguesa.

Quanto particularmente ao do nosso insignificante compatriota, são condecorações merecidas, não só brasileiros, como lusitanos, em reconhecimento e proclamação o mais importante dos léxicos vernáculos: Ruy Barbosa, João Ribeiro, Carlos de Laet, Raimundo Galvão, Mário Barreto, Cardal Saraiva, Filinto Elísio, Gonçalves Viana, Epifânio Dias, Júlio Moreira, Camilo Castelo Branco e outros, entre os quais Leite de Vasconcelos, em cujo autorizar parecer é o dicionário do grande brasileiro "instrumento imprescindível de quem quiser saber a língua e escrevê-la com acerto".

Advertia-se mais em que, além de tão subido título, não se gloria só MORAIS de ter sido autor do mais importante dicionário, que de do mesmo passo, "o mais importante livro de uma língua", sendo ainda escritor distinto, modelo de correção e exemplar ao bem dizer. Pouco conhecidos que são as suas páginas, julgamos prestar serviço às boas letras organizando, com algumas delas, o volume V da Estante Clássica, e às quais ensamos acrescentar, tendo em vista a feição mais característica que lhe releve o nome, anotações meramente lexicográficas.

Não nos foi fácil a tarefa deste volume, em virtude da rareza e dispersão do que deixou o notável cartista, e certo não o reparamos elaborado se não se nos despararam a excelente Notícia Biográfica, de Pereira da Costa, o Brasil Histórico, de Melo Moraes, o Arquivo Histórico e a História de Portugal, de que foi ele o tradutor da edição francesa. A esta fotografia não na legamos clare.

A memória de homens que, em tão alto, ficam sempre aquém do que valiam a homenagem que se lhes presta.

LAUDELINO FREIRE  
Rio, 14 de julho de 1921.  
(Estante Clássica da "Revista de Língua Portuguesa" — Vol. V — Moraes — Agosto, 1921).

## REVOLUÇÃO DE 1817

Cumpra que vos fale com a franqueza própria do meu caráter. Vós ainda nada tendes feito para manter e sustentar uma república independente, e nem vejo probabilidade de o conseguirdes, e já a proclamastes! Não conteis com a aquiescência das outras capitanias, onde tendes confederados, porque elas ficarão na expectativa, a verem o resultado de vossa imprudente e prematura tentativa para se decidirem, quando não mandem tórça contra vós; e nem espereis auxílios de outras nações, que não quererão hostilizar Portugal, com quem estão em paz, para apoiar um governo que se não pode sustentar e nem tem forças e meios para ocorrer às despesas que resultam de uma guerra. O príncipe regente tem vasos de guerra disponíveis para mandar imediatamente bloquear este pórtio, e quando não queira desguarnecer de tropas a corte e tirá-las de outras capitanias, receando algum movimento revolucionário, tem em Portugal muitos corpos disciplinados, que fizeram a campanha da península, que os pode mandar vir e invadir a república, desembarcando, sem oposição, em qualquer praia. Vós sereis presos e processados como rebeldes, e trairéis sobre esta capitania todos os horrores da guerra civil. Estou no último quartel da vida e nada posso aceitar.

Resposta que deu Moraes aos revolucionários de 1817, quando o consultaram se queria tomar parte muito ativa no bem da república.

Brasil Hist., Melo Moraes, t. II, p. 74).  
(Estante Clássica da "Revista de Língua Portuguesa" — Vol. V — Moraes — Agosto, 1921).

## ALGUMAS FONTES PARA O ESTUDO DE MORAIS SILVA -- Artur Mota

Alfredo Gomes — Hist. Lit. — Introdução Dic. Hist., vol. 1.<sup>o</sup> pág. 1, 363.

Chichorro da Gama — Memórias biográficas, pág. 62.

Chichorro da Gama — Recreio dic. de autores clássicos, pág. 58; Rev. de Língua Port., Fernandes Pinheiro — Hist. Literária, vol. 2.<sup>o</sup> pág. 425.

Inocência da Silva — Dic. bibliog., vol. 1.<sup>o</sup> pág. 209.

João Ribeiro — Moraes redativo — Rev. Língua Portuguesa, n.º 26, pág. 2.

José Carlos Rodrigues — Bib. Brasiliense, pág. 415.

Laudelino Freire — Colecção Brasileira, pág. 125, e Sec. let. clássica Brasileira, pág. 35.

Lery dos Santos — Pantheon Fluminense, pág. 49.

Macedo (J. M.) — O ano biog. brasileiro, vol. 2.<sup>o</sup> pág. 327.

Pereira da Silva — Os varões ilustres do Brasil, vol. 2.<sup>o</sup> pág. 357.

Pavê (Ed.) — Literatura brasileira, pág. 429.

Pereira da Costa — Notícia biográfica do Dr. António de Moraes Silva. Foi transcrita no Almanaque de Pernambuco.

Ratouze — La grande Encyclopédie.

Melo Moraes, pai — Brasil Histórico, vol. 2.<sup>o</sup> pág. 74.

Sacramento Blake — Dic. bibliog. bras., vol. 1.<sup>o</sup> pág. 209.

Silveira Romero — Hist. da Lit. Brasileira, vol. 1.<sup>o</sup> pág. 10.

Silveira Romero e João Ribeiro — Compêndio de Hist. da Lit. Bras., pág. 183.

Vambagen — Rev. do Inst. Histórico.

Vicente Ferreira — Carioca Ilustre — Moraes — Estante Clássica, vol. 5.<sup>o</sup>.

Wolff — Literature Brasileira, pág. 127.

(Artur Mota — História da Literatura Brasileira — Págs. 471-9).







# DO RESPEITO FILIAL -- MORAIS SILVA

Ouvem-se, cada dia, entre nós repetidas queixas de que a natureza perde a vista de deixando o trono, elevou-o, olhos o seu império, e que, entre nós, as relações mais dignas e amor se vão desatando e atraindo, a ponto de serem mais cedo e romper-se de todo. Mas estas queixas serão bem fundadas?

Magoa-nos confessar isto, mas parece que, à proporção que adquirimos mais luzes, perca o coração a sensibilidade.

Disto não damos mais que uma prova, e é, que se lançarmos os olhos para a antiguidade, veremos como quanto respeito os maiores tinham os filhos, e os pais de famílias.

A história sagrada está cheia de exemplos de obediência religiosa para com os pais. Ainda hoje um dos maiores impérios do mundo subsiste fundado sobre o amor e a reverência que os filhos devem a quem lhes deu a vida, e os europeus, que se chamam políticos, apartam-se tanto destas máximas, que, entre a nossa gente, se bem, o filho ousa tratar o pai como a qualquer estranho, por senhor, e a mãe por senhora, como se os nomes de meu pai e de minha mãe não fossem mais doces de proferir que todos os outros, ou se fosse já mais sobra a repetição de tão caros nomes.

Quão dignos de lástima somos quando id os não podemos nomear! Lembemo-nos então que temos na pele na repulsa, quando a morte nos rouba os preciosos nomes da nossa existência.

Para exemplo de amor filial, cumpre trazer à memória a multidão de soberanos que dividiram entre si a Espanha, logo que a paz de Madrid na começou a sentir os primeiros abalos.

Era um dia, el-Rei Fer-

nando de Aragão, tão amado do príncipe seu filho, que, deixando o trono, elevou-o, olhos o seu império, e que, entre nós, as relações mais dignas e amor se vão desatando e atraindo, a ponto de serem mais cedo e romper-se de todo. Mas estas queixas serão bem fundadas?

Magoa-nos confessar isto, mas parece que, à proporção que adquirimos mais luzes, perca o coração a sensibilidade.

Disto não damos mais que uma prova, e é, que se lançarmos os olhos para a antiguidade, veremos como quanto respeito os maiores tinham os filhos, e os pais de famílias.

A história sagrada está cheia de exemplos de obediência religiosa para com os pais. Ainda hoje um dos maiores impérios do mundo subsiste fundado sobre o amor e a reverência que os filhos devem a quem lhes deu a vida, e os europeus, que se chamam políticos, apartam-se tanto destas máximas, que, entre a nossa gente, se bem, o filho ousa tratar o pai como a qualquer estranho, por senhor, e a mãe por senhora, como se os nomes de meu pai e de minha mãe não fossem mais doces de proferir que todos os outros, ou se fosse já mais sobra a repetição de tão caros nomes.

Para exemplo de amor filial, cumpre trazer à memória a multidão de soberanos que dividiram entre si a Espanha, logo que a paz de Madrid na começou a sentir os primeiros abalos.

Era um dia, el-Rei Fer-

# A GRAMÁTICA DE MORAIS SILVA

Lindolfo Gomes

Quando se tem em vista a valiosa bibliografia moraisiana, para que não estivesse, é mister não deixar em alvado, antes cumprir realçá-la, com os altos louvores que merece o seu notabilíssimo Epitome da Gramática Portuguesa, em cuja composição fôra especialmente por modelos a de Condillat, sem contravenção o reformar dos métodos de compendios gramaticais até então publicados, os quais não passavam, seja dito, de simples compilações de seus compêndios latinos.

Nesse Epitome, que melhor diremos magnífico tratado de gramática, excelentemente misturado e ainda hoje prestantíssimo, Morais Silva revela enorme copia de conhecimentos linguísticos, vasta erudição de que era dotado, seguro critério filológico, magistral intuição pedagógica, adiantando-se em muito aos gramatizadores de seu tempo.

Não se contentou tão só com a gramática expositiva, penetrou os domínios da histórica e comparada, como podemos ver do respectivo léxico e das subseqüentes notas, p. ex., no apêndice ao capítulo referente aos verbos.

Registrou e comentou vocábulos, termos e expressões do Brasil colonial. Isto mesmo observou João Ribeiro, em seu precioso volume A Língua Nacional, onde escreveu:

"Na sua mesma gramática, que é de 1802, aparecem anotações naturalmente sugeridas pela linguagem do Brasil. Por exemplo: a das composições vicissas, em que se exemplificavam: amo-lhe, amara-lhe (comp. III), modos de frisar que, na parte da sintaxe, p. II, contêm como "erros da colação".

Morais estudou e compôs a gramática com a dignidade e a pureza da época. Penetra, nessa incursão, as fontes latinas e francesas. Examinou, explicou, deduziu. Foi conscientemente, como se que se encontravam na anterior, os Prólogo deca Epitome, de cunho histórico-literário, sustentando as opiniões de Vailhote, e em prol de Camões.

Deixa obscurecido com o valor de seu tratado toda a lustre e méritos das antigas gramáticas portuguesas, e tanto que Constante mais tarde atrevesse a imitar. Acabando de escrever tal obra, no colégio de seu nascimento de Moura, em 15 de julho de 1802, só veio a publicá-la em 1803, em Lisboa, na oficina de Simão Toldes, quando se conhecia, p. ex., no Manual Bibliográfico Português, de Pinto de Matos, e depois apenas a 2ª edição do Dicionário, em 1813.

Em carta dirigida a José da Silva Lisboa, datada de 25 de Setembro de 1813, dizia Morais: "O padre Caldas me escreveu que o defuncto Conde de Linhares havia mandado entregar a Vm. e ao Dr. Maclean um manuscrito meu de Gramática, para se dedicar ao príncipe da Beira, e se imprimisse na Biblioteca Real. Cuido que esta oferta estava ocupada com obras de que me lembro, e que deso insignificante trabalho teria cabimento com as fontes antigas, que Morais consultou: nos quais termos, e bem fundada convicção, porque sei da carência pública, e mais para obra mais esmerada, imaginei que, se não podia influir alguma coisa, me fôra a favor de vender por não da minha vida de luto a tal papel, que eu principalmente dedicava para deixar a alguns amigos uma prova pública da minha gratidão, ainda que o movimento não fosse de grande preço, nem de importância".

Que manuscrito da gramática seria esse? O de uma nova edição da que escreveu em 1803? Mas, devemos notar que Morais enviava a Silva Lisboa em fins de 1813, e, nesse mesmo ano, aparecia a gramática reproduzida, como introito à 2ª edição do Dicionário. E, pois, provável tratar-se de outra Gramática do Autor, talvez mais extensa e mais subatnelada. Se assim é, onde estarão os originais manuscritos?

("Revista da Academia Brasileira de Letras" — Vol. 50, n.º 17, de Março de 1934).

Ergue, Brasil, e ostenta a altiva fronte  
D'apavonadas plumas coroada;  
Pedraria iriante constelada

Te adorne o colo e os pulsos.  
D'ago o colar quebraste, e algemas férreas  
Que de novo intentaram pôr-te escravo;  
Conquista grata; e vinga a liberdade

Que Pedro te oferece.  
Ouve intrépido ao longe retumbando  
As tormentas de guerras, que te envia  
Com irrisões a mãe pia e amorosa

Por mimos de ternura.  
Gentes d'Europa avaras, fé perjuras  
Nunca os mares, e os ventos cá vos tragam;  
Muito em má hora lá sejais ludibrio

Dos cachopos do Tejo.  
As vossas praias, donde só vêm males,  
De cadáveres chorem-se alastradas:  
Um só não salvem vivos as frágeis tábuas

Destroços de seus buques.  
Mas se a ti transnadem criminosos  
Mortes e vis pilhagens intentando  
Fratricidas cruéis dos inocentes

Iguais irmãos e amigos:  
Não, nunca escalarão os céus — vizinhos  
Ceros dos Orgãos, donde já fuzilaram  
Raios, que hão de abrasar fúrias insanas

Em fumo esvaecidas.  
De lá Jove seguro fulminados  
Os gigantes rirá; e em céu sereno  
Liberrima e tranquila Independência

Te dará glorioso.  
Então teu oiro e preciosas gemas,  
De suas riquezas o tesouro imenso,  
Não mais largueis aos irmãos tão falsos,

Hipócritas, tiranos.  
Seu "Baco" embora vendam por vis preços  
A fria Europa: Espinhosos frutos;  
Seus saís, crêspas cortiças, que Britânia

Em rólhas lhe revende.  
Que há mister do Brasil tão rico Império?  
Dons de Pómona, do Lico e Ceres  
Frutas da indústria valem mais que o oiro,

Riqueza imaginária.  
Sofre, pois, meu Brasil, tuas pobreza;  
Nada a mãe pátria em rios de riquezas;  
Em paz te deixe, e eterno adeus te diga;

Não te lese e maldiga.  
Escolhos e parcéis, Scilas, Caribdes,  
Coalhem os mares, que entre nós se estendem;  
E nas bússolas marra a atração certa,  
Que ao Brasil orienta.  
Não mais do brasileiro o "híbrido sangue"  
se mescle ao luso "nobre"... "puritano".  
Nem moleza imoral infete os santos

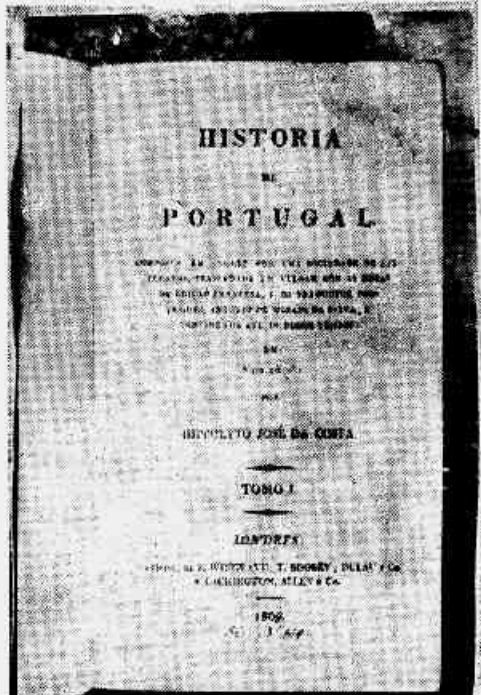
Lusitanos costumes.  
Sim, meu Brasil, costumes que irritaram  
Filiais sofrimentos generosos.  
Contra os novos insultos dos amigos...

De teu oiro, e domínio.  
Na luta cairás? mas, novo Anteu,  
Jovem mais forte surgirá a rir-te  
De tua madrastra velha derrengada  
"Da queda" do seu... Trono.

(Estante Clássica da "Revista de Língua Portuguesa" — vol. V — Morais — Agosto, 1921)

Antônio de Moraes Silva

FAC-SIMILE da assinatura de Antonio de Moraes Silva, Agud João Peretti — in Fronteira)



Página de título de VITORIA DE PORTUGAL, na tradução de Antonio de Moraes Silva (Lisboa, 1788).



# CARTACAIRU'

Engenho Novo da Mar-  
baca, em Pernambuco,  
25 de setembro de 1813.

Sr. José da Silva Lisboa.

Quem dirá que vivendo  
nós aqui tão perto, e tendo  
em alguma curiosidade de  
lar, é ainda da impotência  
da minha vista, a saftregui-  
ção dos coitades para as  
boas obras, ainda agora nes-  
te momento acabasse de ler  
a sua terceira parte das Ob-  
servações sobre o comércio  
franco do Brasil! E mais foi  
mandado do Rio de Janeiro  
o exemplar, que li, em jan-  
eiro de 1809, pelo mui ba-  
nemérito Tomás Antônio de  
Vilanova Portugal, a um  
amigo seu, com recomenda-  
ção que mo mostrasse. Não  
sei por que meus fados não  
há nesta terra nenhum al-  
forabista de cortinhos e li-  
vrinhos de Santa Bárbara:  
nem ao menos um pouco de  
espírito comunicativo de  
coisas boas, e de novas fru-  
tas que honram o nome "Ca-  
sileiro. Paciência, e aqui vai  
o seu favorito: — "Sede mo-  
rriam, ait". — Eu li Smith,  
em Londres, em 1779; mas  
mui por alto: outras aplica-  
ções e obrigações me desvia-  
ram de o revolver do assento,  
e ponderadamente, fiquel-  
he todavia com afeição, que  
me obrigou a levar a Bahia  
a má tradução que ali lhe  
mostrei, o que assim mesmo  
excitou a electricidade, lumi-  
nosa não menos que enérgi-

ca, que a sua profundidade  
e a das coisas da nossa  
casuística tubaruna, e a  
b e in p a b i l i d a d e,  
respirante: cui scriptis  
bem pueris, e lam loka-  
cion, que é pena não sejam  
bem vistos, talvez por mal  
entendidos de muitos, a  
quem é necessário acender  
grandes lórais, mas, o que é  
mais difícil, tirar-lhe névoas  
e belides dos olhos: e numa  
palavra dar-lhes razões, e  
razão, e até entendimento,  
se bem que cuido, que a ne-  
gra da inveja entenebrece  
as coisas mais luminosas; e  
taz voluntária o que os ob-  
servadores do sol praticam  
obrigados, opondo as lentes  
oculares vidros corados, que  
enfraqueçam a luz forte, que  
os deslumbra.

Aqui na meu mata apa-  
receu um Smith inglês, um  
Lay, seu bom discípulo e  
comentador, o Canard, o au-  
tor da mesma seita, que é  
desgraça não haja feito  
mais fortuna entre gente  
que trata de legislação, cui-  
dando que o seu objeto se  
limita só ao que é justo, e  
a polícia de enforçar, e igno-  
rando que má figura faz  
quem nesta ordem de coisas  
aparece hóspede na ciência  
do útil aos Estados, ou cer-  
ra olhos e ouvidos a quem  
lha dá mui palmas, muito  
demonstrado, e tão comezi-  
nha, que a engulirão sem  
gaspas merinhas, que já po-  
dem comer pão cedeo, quan-  
to mais os Peguistas, Febis-

tas, Vanguemiras, etc., e  
é que estas leituras não olei-  
jam as cérebros ou os ter-  
ramos caixas e cornos, como  
Cubanis affirmo, que se tem  
visto os de homens estupidos  
ou demasados. Eu esperava  
ouvir dizer das suas prole-  
ções neste artigo, e que as-  
sistem a elas até frades,  
quanto mais homens de lei;  
mas já sei, que a nossa alei-  
ção é ainda sobrearregar os  
homens de raro merecimen-  
to, para com muitos aban-  
cos (que os desviam do seu  
grande alvo, e cortam cu  
afraçam as asas do seu gé-  
nio), para lhes darem algum  
vintem, de que vivam sem se  
nausearem as suas coisas, e  
isto quando já as cós, e as  
penas da velhice deixam mal  
respirar desafogada um áni-  
ma liberal, mas agrihdo  
às coisas, para que bem po-  
de servir um desembargador  
enjeitado, e vomitando para  
criminalista ou fazendista.

Há poucos dias que o João  
de Deus tem cuja casa to-  
mei o primeiro andar, para  
hospício, quando vou à pra-  
ça) me mostrou outro pa-  
pel seu, sobre a extensão ou  
prorrogação do monopólio da  
companhia dos vinhos do  
Pôrto, na qual admirei a  
mesma justeza de idéias,  
bem enunciadas, e demon-  
stradas com excedente ordem,  
como de quem tem dirigido o  
assunto em todos as suas mi-  
nimas e mais delgadas rami-  
ficações. Deus abençoe os  
seus trabalhos, e lhe dê a

consolação de os ver apro-  
veitados, apesar das contra-  
riedades de ignorância, e da  
"emulação", porque ouvi di-  
zer desse um caso que me  
amargurou, tanto por quem  
figura nela, quanto me en-  
chi de prazer pela energia  
de repulsão, com qua Vmc.  
confundi a temeridade da  
mal iniciada nestas coisas, e  
que com a altura do pósto,  
e das privações, calçou co-  
tumas talhados para maiores  
estaturas, se nestos cabe,  
quando tem ao menos jus-  
ta grandeza, não digo já a  
maliciosa arrogância da ri-  
validade, mas nem sequer a  
inmodéstia nos censuros dos  
dissentimentos. Animo, meu  
amigo. Se as pedras sepul-  
crais não recitam à posteri-  
dade, as prendas e méritos  
da modestia, as obras, que  
o prelo perpetua, e o tempo  
não gasta, como os ossados  
podres, e memória dos que  
jantaram com a defuncto, e  
o esquecem os três horas  
depois de esfriar o cadáver,  
assegurem-lhe uma duração  
de glória, e até de reconhe-  
cimento dos ânimos bem or-  
ganizados, "quibus meliori  
luto finxit praecordia Titan".

Aqui, ouvimos, com má-  
goa, minha mulher (que se  
lhe recomenda e dá os sé-  
sames), e eu a falta da sra.  
D. Ana; muito me alegrei  
de saber que seus filhos es-  
tão muito aproveitados, e  
lhe dão muito contentamen-  
to, que é um dos benefícios

raros da natureza, e que  
quase sempre nos corta a  
teia da vida, antes que des-  
amodureçam para a virtude,  
e prestem benefícios ao Es-  
tado, e à família; bem aven-  
turado é quem vê os primi-  
cias, e ainda esperanças, e  
até assomos de boas partes,  
e inclinações virtuosas. Eu  
tenho já dois casos de he-  
men e mulheres a um ter-  
ceira de merinas, o último  
de cinco anos, que parece ser  
o cogulo, que vão educadas à  
rústica, em abundância e  
inocência. Deus os ampara-  
rá; porque a portilha de um  
engenho é moga herança, e  
aqui não há caminhos a sub-  
sistências honestas. Dei-lhes  
o exemplo do trabalho e in-  
dústria honesta, e da mode-  
ração e sobriedade, e dos  
bons costumes: é tudo o que  
pude fazer.

O padre Caldas me escre-  
veu que o defuncto conde de  
Linhares havia mandado  
entregar a Vmc. e ao dr.  
Mariano um manuscrito meu  
da gramática, para se dedi-  
car ao príncipe da Beira, e  
se imprimir na tipografia ré-  
gia. Cuido que esta officina  
estará ocupada com obras de  
mais importância, e que esse  
insignificante trabalho terá  
cabimento com as tengas an-  
tiquadas dos Marzognistas;  
nos quais termos, e bem fun-  
dada suposição, porque sei  
os curtezos públicos, e mais  
para obra nada esmerada,  
rogo-lhe que, se pode nisto

(Conclue na 10.ª página)

## PORTUGAL -- MORAIS SILVA

Portugal, que foi noutro  
tempo parte da antiga His-  
pânia, plecto, como muitas  
outras regiões, de uma anti-  
quidade que se perde na ob-  
scureza dos tempos. Os au-  
tores portugueses quevem que  
a sua pátria fosse povoada  
primitivamente por Tubal e  
pela sua família, do qual di-  
zem que fundou uma Cida-  
de, a que pôs seu nome, e que  
ainda hoje existe com o de  
Setubal; e têm isto por uma  
prova sem réplica do que  
afirmam. Mas os historiadores  
espanhóis, não menos orgu-  
lhosos de sua origem que os  
portuguezes, contestam-lhes  
esta prova, e reclusam o me-  
mo Tubal, como fundador da  
sua Monarquia.

O certo, porém, é que a an-  
tiga Espanha, em geral, não  
desapareceu sem primeiros  
povos, e que Portugal, parte  
considerável d'ella, foi habita-  
do pelos Turdétos, os quaes  
foram expulsos pelos Heles e  
Fúlios, que se estabeleceram  
na terra, e lhe impuseram o  
nome Lusitânia; e este succe-  
deu o de Suevia, quando nela  
dominaram os Suevos; e de-  
pois os Romanos, e Godos,  
que successivamente occupam  
esta região; The vestígios, e  
conservaram o nome de Lusit-  
ânia, que deuva no tempo  
da invasão musulmana.

A Lusitânia, segundo a que-  
rência a antiga geografia, era  
menos estendida para o Nor-  
te, e mais para o Este, do que  
hoje é o Reino de Portugal;

e, depois de haver participa-  
do da fortuna do resto de Es-  
panha em todas as suas re-  
voluições, veio a ser conqui-  
stada nas Moiras, em grande  
parte, por D. Afonso, o VI,  
Rei de Castela e Leão, que,  
conforme alguns escritores, a  
deu em dote com sua filha,  
o título de Condado sobera-  
no, a D. Henrique de Borgo-  
gna, Príncipe da Casa Real  
de França, que vieru em seu  
socorro; e, segundo outros au-  
tores, este mesmo Príncipe,  
pelos anos de 1112, foi eleito  
em Conde de Portuscale, ou  
Porto, Cidade reedificada por  
ella junto à foz do Douro,  
donde veio à Lusitânia o no-  
me de Portugal, que hoje  
conserva. A este Príncipe suc-  
cedeu seu filho, Dom Afonso  
I, que depois da memorável  
vitória que, no ano de 1139  
alcançou dos Moiras, no  
campo de Ourique, e com que  
dilatos as vaías de Portugal,  
foi aclamado rei; e é de no-  
tar que a influência e poder  
da Corte de Roma era tal ne-  
queles tempos, que o novo  
Soberano julgou ser neces-  
sário que o Papa o confir-  
masse naquella suprema Di-  
gnidade, e com effeito foi con-  
firmado nella em 1139.

Tal é o fundamento de  
uma Monarquia que, encur-  
rada em custos limites, com  
fracos meios, e pouca gente,  
tem brillado na História com  
grandissimo esplendor. Nela  
se vê com espanto uma série  
quase não interrompida de

Heróis; não só expulsarem os  
Moivos de Portugal, mas in-  
persegui-los em Africa, centro  
de seu dominio, e lançar al-  
mesmo os fundamentos a for-  
mosas praças, e Cidades; de-  
pois dilatarem rapidamente  
as suas conquistas pelo Ori-  
ente, desde a Ilha Ormuz até  
os confins da China, de sorte  
que, entre as Nações moder-  
nas, a portugueza é talvez a  
que mais se illustrou, por uma  
larga série de tempos.

Mas este Reino veio a de-  
cair desde que por força de  
armas se reduziu a Província  
de Espanha. Porque, enquan-  
to o foi, a marinha portugue-  
sa andou sempre occupada no  
serviço da Nação dominante,  
e nelle se arruinou; o seu  
comércio teve tal quebra, que  
nas frotas mercantis houve  
diminuição de mais de 200  
navios de alto bordo; extoga-  
ram-se os seus arsenais; e de  
sua artilharia se levaram a Es-  
panha, sobre infinito número  
de canhões de ferro, mais de  
duas mil peças fundidas. En-  
tão se viu, o que talvez não  
apparece em annos de Monar-  
quia alguma, achavam-se na  
praça Maior de Sevilha gos-  
cunhões com as armas de Por-  
tugal. Os pedidos de dinhei-  
ro foram tais, que no curto es-  
paço de tempo, que passou  
desde 1584 até 1608, sacou a

Espanha de Portugal para  
cima de 200 milhões de cru-  
zados em ouro, que naquella  
tempo era soma prodigiosa.

Neste mesmo período os

Holandeses, que andavam em  
guerra com os Espanhóis, ex-  
pulsaram os Portuguezes, en-  
tão desarmados, dos seus me-  
lhores estabelecimentos da  
Asia, com cor de serem Vas-  
salos del Rei de Espanha.

Não há pretensão que a cobi-  
ça insaciavel não seja capaz  
de inventar, e as Conquistas,  
que com elle fizeram os Ho-  
landeses, lhes meteram nas  
mãos o monopólio tão floren-  
te, e tão felizmente conserva-  
do por elles até agora, da ca-  
nela, cravo, noz moscada, e  
de grande parte da pimenta.

E, não parando aqui estes  
impradores, passaram a em-  
possa-se das Conquistas Por-  
tuguezas.

Em se bem depois da revolu-  
ção de 1640, em que foi co-  
roado, D. João III, Duque de  
Bragança, o Brasil foi reco-  
brado, é certo que este Reino  
nunca pôde sanar de todo em  
todo as suas perdas.

(Estante Clássica da "Re-  
vista de Liçoes Portuguezas"

Vol V — Moraes — Agosto,  
1901).

Vocabulário  
Da Língua Portuguesa  
Compilado pelo Padre D. Rafael Alentejo  
Revisado e muito acrescentado  
Por  
Chanceler de Moraes Silva  
Manual do Rio de Janeiro  
Lisboa, 1786.

Filial original da primeira tentação do dicionário de Moraes. (Apud  
João Pereira, Antonio de Moraes Silva, in Prolegomena)

# V E R B O S

1. O Verbo é a palavra com que declaramos o que a alma julga, ou quer, acerca dos sujeitos, e dos atributos das sentenças; em elle afirmamos e mandamos; v. g.: Eu sou amante; o pombo é doce; Filho, seguramente a Deus, e amas.

2. A significação, ou officio principal dos verbos, ainda anexa a significação de algum attributo, e da pessoa ou coisa, em quem o attributo existe, ou queremos que exista; e das diversas épocas em que o attributo existe, existiu, ou existirá no sujeito. Assim, *Amo* por si só equivale a *Eu sou amante atualmente*; *Amo* a Deus, a: *Sê tu amante de Deus*; *Amei* refere o attributo ao passado; *Amarei* ao futuro.

3. Quando a alma julga, ou quer, pensa de dois modos diversos; e por isso as variações dos verbos, que declaram a affirmacão, e o nosso mundo, ou querer, se dizem *Modos* do Verbo. Ora, nós podemos afirmar, ou querer, com algumas diferenças, e modificações; e por tanto os Modos do verbo podem ser também ou querer. Mas a gramática só reconhece por modos diversos aqueles, que se exprimem com palavra diferentes (1).

4. Na lingua materna temos dois modos verdadeiros, o *Indicativo* ou *Mostrador*, com que afirmamos, e o *Imperativo*, ou *Manditico*, com que mandamos, pedimos, exortamos, ou declaramos o nosso querer directamente a alguém.

5. Temos mais variações verbais ditas do *Modo Conjunctivo*, ou *Subjunctivo*, as quaes não declaram affirmacão, nem mandado; mas juntam um attributo verbal referido à primeira, segunda ou terceira pessoa, e tudo subordinado a outra sentença principal, em que entra verbo no *Indicativo*, ou no *Imperativo*; v. g.: Não espero que venhas cá; *Amo*, para que te amem (2).

6. Estas variações verbais subjunctivas tanto não afirmam nem mandam, que se podem suprir com um nome abstrato, que signifique o attributo verbal, e um attributo possessivo, ou com infinitos pessoais v. g.: "Filho, mais queria que morresse, que offenderes a teu Criador com pecado mortal". (Flos. Sanct., vida de S. Luis, l. CVIII, edic. de 1567). "O Imperador desejava muito de ficardes (que fiquis) na sua terra: A causa, que me fez conhecer-vos, essa me faz que vos deixe" (Barron, Clarim, Leixar por deixar; Trabalho, filho meu, por agradecer tuas obras a Deus (ou por que agradeam) (Mendes Pinto, c. 108).

7. Nos exemplos citados a que morresse podemos substituir a tua morte, ficando o mesmo sentido; o offenderes podemos substituir

offensa tua a Deus; que o offenderes; isto é, o infinitivo pessoal pelo subjunctivo; a ficardes podemos substituir a vossa ficada, ou que ficasseis, o subjunctivo pelo infinitivo pessoal. Em lugar de conhecer-vos podemos usar de vos conheça; e por vos deixe, deixae-vos ou a minha deixação de vós.

8. Destes mesmos exemplos se vê que os infinitivos *Pessoais* (muito próprios, e talvez só da lingua portuguesa) não são outros modos verdadeiros dos verbos; mas palavras equivalentes ao attributo do verbo referido a uma das três pessoas, como se faria por meio dos articulares possessivos *meu, teu, seu, nosso, vosso, seu, deles*. Assim *termos, lerdos, terem*, significam a nossa lição, ou a nosso ler, o vosso ler, ou a vossa lição; e o *ler* ou *lição* *deles*. Nestas variações verbais decompõe-se o verbo mais que nas do subjunctivo, porque neste modo o attributo se refere a uma época; nas variações infinitivas pessoais, perde esta significação accidental de tempo. (V. Clarim, l. 2, c. 24, pag. 267, ult. edic. O *vosso enjutar* equivale a o enjutardeis; e ali mesmo *folgades d'avernturar* equivale a o vosso folgar.

9. Nos Infinitivos puros representamos somente o attributo verbal, sem affirmar, nem querer, nem relação com pessoas, ou tempos; elles são verdadeiros nomes verbais abstratos (3). O *murmurar do povo* é a *murmuração do povo*. O *raiar* faz bella a *Natureza*. Por isso concordam com adjectivos articulares e attributivos: "Porém vós, tristes Reis, neste ser Reis, negais a natureza, de que Deus vos formou." (Mend. Pint., c. 168).

10. Dos mesmos verbos se derivam as palavras em *ante, ente, inte*, que significam adjectivamente o attributo do verbo; v. g.: Eu sou amante (4). Estas tomam-se comumente por substantivos; v. g.: o *regente*, a *vazante*, o *intendente*, a *corrente*, se, cadeia etc.

11. Derivam-se mais dos verbos outras palavras em *ando, endo, indo*, que significam o attributo verbal adjectivamente, e imperfeito, actual; v. g.: achei a Pedro dançando, cantando. Os gramáticos lhes chamam *Participios do presente* (5). Estas mesmas palavras se toman como substantivos abstratos, que representam o attributo verbal incompleto, imperfeito, actual, e nisto differem dos infinitos puros; v. g.: muitas outras coisas contém o Livro, que *entre lendo se verão*, "i. é, ao ler, ou na leitura". "A manciara d'aerrescentando o desejo ao pedido". (Menin. e Moça, pag. v. do Titulo, edic. de 1550, e L. 2, c. 4). "Sem sendo resistidos, nem punidos" (Cortes d'Evora de 1442, art. 1). "O Impera-

dor, em llye combando eu de talar, disse-me etc." Comotudo se alegre em vós saúdo!" Neste sentido estas variações se chamam *Gerundios*, e são verdadeiros nomes, pois são regidos de preposições. Posto eu à mesa é frase elliptica; i. é, em eu estando posto à mesa; *morto Herodes*, i. é, em sendo morto; como: em moças lá se foram etc., em sendo moças; em verde colhidas etc., em sendo verdes etc. (V. Leão, Cron., tomo I, f. 151, edic. de 1774). Aqui o adjectivo modificante concorda com o nome; v. g.: Em tudo do saúdo tão formosa e bella...

12. Temos mais palavras derivadas dos verbos, terminadas em *ado, ido*, que se toman adjectivamente, e significam o attributo do verbo passivamente, completo e acabado v. g.: o livro está lido, a casa caída, paramentada. Então se dizem *participios do pretérito, ou passado*. Outras vezes se toman como substantivos, que só se usam no singular, no género masculino, e representam o attributo do verbo abstratamente, mas como acabado, e perfeito no sentido activo, ou neutro; v. g.: tenho lido livros, acabado obras, visto cidades. Neste sentido se dizem *Supinos*, e são nomes regidos, ou pacientes dos verbos *haber* e *ter*; porque assim dizemos *tenho um vestido, uma casa, como tenho lição, ou leitura feita*, que é o mesmo que *tenho lida* etc. Os latinos têm participios, ou adjectivos verbais, que referem o attributo a uma época futura, a que chamam *participios de futuro*. Nós os imitamos, e deles tomamos *ciuidado, duradouro, futuro*, e poucos mais. Os antigos disseram *recebedouro*, digno de receber-se; *estadoiro*, digno de ser di-cusado etc.

13. Acerea dos modos verbais, advertiremos que os poetas, imitando a simplicidade primitiva (usada ainda entre iguais, e familiarmente; ou dos superiores com os seus subordinados), usaram pedindo, do modo mandativo; v. g.: "Agora tu, Caliope, me inspira"; outras vezes do subjunctivo ellipticamente; v. g.: "Musa honremos o heroi etc.", e assim pedimos cortemente. O legislador manda, ou proibe predizendo, com o futuro do indicativo; v. g.: "Amarás a Deus; não jurarás o seu santo nome em vão". Comumente usamos proibindo, dissuadindo, ou pedindo que não, do modo subjunctivo; *Não nos deixes cair em tentação; Não se nova ninguém; assegura-vos*. (Sade Mir., Estrang., Prol.); *Não cuideis* que sendo tufal, blasfemo, renegador podereis entrar no reino dos Céus. (Paiva, Serm., 1); *Esforça Infante, nem c'o peso inclina* o imperativo inclina, por inclines do subjunctivo, é um

luctuismo). (Mousinho, Africa, l. 82, V). Isto pedo lo que respecta aos modos verbos.

14. O attributo verbal nas mesmas variações se refere às pessoas *eu, tu, elle, nós, vós, elles*; v. g. *leio, lêis, lê, lemos, ledes, lêem*; *eu* e *nós* são as primeiras pessoas; do singular *eu, nós* do plural; *tu* é a segunda pessoa do singular, *vós* a segunda do plural; *elle, e* terceira pessoa do singular; *elles* do plural. As variações verbais que respondem a estes pronomes se dizem *pessoas do verbo* no número singular, ou plural.

15. Alguns verbos não têm variações, correspondentes a primeira, nem a segunda pessoa, que são de common, homens, porque os attributos dos tais verbos não podem competir a homens; assim não dizemos: *eu choro, eu corisco, eu travejo*; no sentido figurado, porém dizemos: *tu nas choras altas doutrinas*. (Camêlia, Ode 8 e Epist.

16. Dizemos mais o *Cêncho* e *geio, nevo, trovão*. A estes verbos chamam os Grammaticos *impessoais*, ou carecentes de variações pessoais; mas elles as tem, ao menos das terceiras pessoas. Por uso não dizemos *fedo, de feder*, nem *mucho, de muar*, *brandir* etc., e aos verbos semelhantes chamam *defectivos*. (Vide no fim desta Grammatica o que dizemos dos verbos defectivos).

16. Civilmente usamos, falando a um só, das variações verbais correspondentes a vós; v. g.: *Sabeis, Senhor, o que vae? Poude meu Deus, em mim os olhos*, etc. (6) Outras vezes usamos da terceira pessoa v. g.: "Lingua tem V. Alteza; Ele por si llo diga". (Rezende, Vid. do Inf. V. Ulyssip, F. 40) "que vê ela em nós?" Mas quando alguém fala, ou se exorta a si mesmo, considera-se como segunda pessoa: "Morre, Alfonso d'Albuquerque, morre (dizia elle consigo mesmo), que cunpre à tua honra morderes". (Couto, Dec. 4, l. 6, e 7, f. III, v.)

17. Os Soberanos falavam de si com os verbos no plural; v. g.: *mandamos, fazemos saber* etc. Os Prelados maiores ainda hoje o fazem; mas não ha razão por que um particular diga, por exemplo: *Escreverei a vida de D. João de Castro...* e logo: *E nós ajudaremos o pregão universal da sua gloria* etc., transformando-se o escriptor de um em muitos.

18. Os attributos annexos à significação dos verbos são *ativos*; v. g.: *ferir, matar, dar*; ou de *mero estado*; v. g.: *estar, igual* (ser igual), *parecer*. Assim os verbos portuguezes, em

razão dos attributos, são, ou *ativos*, ou de *estado*. Os latinos têm verbos derivados dos ativos, nos quaes se affirmam que o sujeito é paciente da acção do verbo activo; v. g.: *ferior*, ou sou ferido, derivado de *ferio*, activo, eu firo; áqueles verbos chamam-lhes *passivos*; nós temos verbos passivos.

19. Verbos neutros, i. é, nem ativos, nem passivos, e chamam os grammaticos áqueles que não significam acção; v. g.: "O vento dorme, o mar e as ondas fazem: O cisne iguala a neve na candura"; ou que significam uma acção, que fica no mesmo sujeito, de quem se afirma; v. g.: *eu ando, salto, respiro, corro, vivo* etc.

20. Os verbos ativos comumente têm um paciente, ou objecto, em quem passa, ou se emprega a sua acção; v. g.: *feri a Pedro; matei a lebre; remar o bote; remei meu rema; polejar as peles do Senheo* etc., estes se dizem *verbos transitivos*; mas ás vezes se usam sem paciente; v. g.: "Não temo, não espero a consciencia pura"; isto é, não temo, não espero nada; *expirou, acabou* etc. a vida, o alento, e alma; "primeiro havelas de alimpar como marmelo"; isto é, ficar limpo; "as minas d'Espanha esgotaram" etc.

21. Pelo contrario, aos verbos neutros juntamos ás vezes pacientes, como aos transitivos; v. g.: *viver vida feliz; correr carreira; correr sem curso; a homem modesto tudo o estrémee* (Eufr. 3. 4); *Deus chorla mandá aos Israelitas; A planta mal nascida o Céu a geio, nen, abraça e chove* (Lobo, Egl. 7); "Bem o porree no semblante"; i. é, se lhe assemelha, parece-se com elle; *coar aves*, lançá-las a voar; a minha voou o muro subir o brasileiro a fortaleza; fazer subir: *avistur* as do socorro com o inimigo; *avrostados* aos portões etc., a chuva *reverdece* a terra; o veio *reflorece* os jardins; *não soia a rei* (Paiva, Serm.) etc.

22. Alguns verbos neutros; v. g.: *estar, ir, vir, sair, parar*, usam-se com paciente, para designarmos espontaneidade, e energia do sujeito; v. g.: *entrão e não; e entrão-se o inimigo pela porta; paron a pedra; e parou-se o galgo; Pedro ficou doente, ou preso; e lá se fienn por sua vontade* "He hum estar-se preso por vontade (Camêes, Son. 81). "Em fim lá se ficaram, cá me estou (Cruz, Poes, f. 74)". Os aventureiros so ficaram quados (Jornada d'Africa, l. 61)". "Seja-se de vossa servidor (Eufr. 3. 3)". *Euto catifou*; por, ficou cativo; trazem Teles. Hist. Etiop., Lobo, Certe. D. 4 Lucena, l. 4, c. 16, porque se disseram catifou-se, ou cativaram-se, *darian a entender*, que voluntariamente o fizeram como



Do verbo e seus modos, atributos, tempos e pessoas

(8) Quando os verbos se apresentavam de qualquer dos dois modos, os sujeitos concordavam com o verbo no número pessoal, sendo os sujeitos infinitivos apresentadores, os verbos da sentença ficavam no singular. Assim diriam *vemem* homens, *combem* viajantes *homens*, e não *vem* *homens*; porque *homens* é paciente aqui e qual será o sujeito, senão o qual não se da sentença perfeíta? Os progressos foram, *qualis se devia esperar*; e era *deu* *est*: *qualis se deviam esperar*.

(Cecilia na 13.<sup>a</sup> pag.)

(1) — Os grêgos têm um apte-  
tíve próprio, que os latinos não





# A VIDA NA ACADEMIA EM 1944

Ao concluir o seu mandato presidencial, que correspondeu ao ano de 1944, o Sr. Mucio Leão apresentou à Academia Brasileira de Letras o seguinte relatório de sua gestão:

"Senhores Acadêmicos — Ao iniciar, de acordo com o que estabelece o nosso Regulamento Interno, este Relatório, desejo, mais uma vez, meus caros colegas, agradecer a boa vontade e a confiança com que sempre me distinguistes. Agora mesmo, ao findar o período presidencial de 1944, vejo-me encarregado de duas novas atribuições: a de ir trabalhar na Comissão de Contas, onde terei o convívio de Ataúlfo de Paiva e Claudio de Sousa, dois companheiros que muito estimo, e a de ser o primeiro diretor do Arquivo, cargo de nossa diretoria somente agora criado. Deixai que vos diga que o Arquivo me parece ser, hoje, o recanto de nossa casa que maior cuidado nos deve merecer. Representa, por si só, um patrimônio de valor inestimável, encerrando relíquias de todos os nossos grandes antecessores. Será a glória de qualquer de nós, será a glória de toda a corporação, conseguir dotá-lo de uma organização perfeita, e iniciar, do mesmo passo, a publicação daquilo que imaginio poderá chamar-se Arquivo Acadêmico, uma espécie de revista do mais alto nível cultural, uma revista que, aparecendo duas ou três vezes por ano, traga em suas páginas a reprodução desses inúmeros autógrafos, dessas inúmeras fotografias, a cópia de todas essas cartas, de todos esses inéditos, que enchem, hoje, de maneira confusa e indistinta, as nossas gavetas. Apaixonado como sou do nosso Arquivo, tentei, nos primeiros meses de minha administração, dar-lhe ordem e sistema. Para isso, solicitei de D. Inês Correia de Araújo, reconhecidamente a maior autoridade brasileira em assuntos de arquivologia, uma pessoa que pudesse tomar a seu cargo o precioso serviço. Aqui tivemos, trabalhando conosco durante meses, a funcionária que D. Inês Correia de Araújo nos indicou. Infelizmente, porém, o trabalho não pôde ser feito ao ritmo que lhe pretendíamos imprimir, e teve de ficar interrompido. Esperamos poder dar-lhe oportunamente nova realização.

Para o arquivo, este ano, foram feitas várias ofertas de grande valor, contando-se entre estas uma esplêndida coleção de autógrafos de Alberto de Oliveira, coleção que nos foi doada por Antão de Oliveira e Luiz de Oliveira, o filho e o irmão do poeta. Viriato Corrêa ofertou-nos outra preciosidade: uma coleção de cartas da Princesa Isabel e de outras figuras da família imperial.

Ainda podemos registrar outros presentes do mesmo gênero: o de um autógrafo

do poeta uruguaio Fernán Silva Valdez, feito por Aloíio de Castro; o de dois autógrafos de Emílio de Menezes, feito por Antônio Austrêglio. Registremos ainda outros presentes recebidos pela instituição: o quadro da Marília de Dirceu, obra do pintor Manoel Santiago, ofertado por Getúlio Vargas; o retrato de Rodrigo Otávio, obra do pintor Dimitre Imaiovitich, ofertado pelo próprio artista; o retrato de Alcides Maia, ampliação de uma bela fotografia, ofertado pelo Dr. Djalma Castilhos Maia, irmão daquele nosso confrade; o retrato de Alcides Maia com Olegário Mariano, tirado em instantâneo em nossa sala de chá, e por Olegário Mariano oferecido; o quadro do pintor Rescala, representando a casa de nascimento de Castilho de Abreu, oferta também de Olegário Mariano.

## REMODELAÇÃO DA SECRETARIA

Em data de 24 de Abril, realizamos uma sessão em que, de acordo com a sugestão da diretoria, ficaram assentadas as seguintes deliberações: por proposta do Sr. Pedro Calmon, fôse o Sr. Hilton Fortuna, oficial da Tesouraria, aposentado com os vencimentos de Cr\$ 900,00 mensais; por proposta do Sr. Levi Carneiro, ficasse a mesa autorizada a reformar, dentro do orçamento vigente, o quadro dos funcionários da casa.

De acordo com essas resoluções, foi o Sr. Hilton Fortuna aposentado. Para o lugar de oficial da Tesouraria foi nomeado o Sr. João Carlos de Almeida, coletor em disponibilidade da 1.ª Coletoria Federal de Nitroci.

## COMPARECIMENTO DO SR. GETÚLIO VARGAS

Cumpre-me fazer aqui o registro do primeiro comparecimento do Sr. Getúlio Vargas às nossas sessões habituais das Quintas-feiras. Aqui esteve este nosso eminente colega, pela primeira vez depois de empossado, na sessão de 31 de Agosto. Tomou parte nos debates que se travaram, e que versavam acerca das reconstruções almejadas pela Academia. Foi de sua autoria a proposta que prevaleceu no encaminhamento da discussão, proposta mediante a qual o plenário aprovou a ideia da construção de um novo edifício na rua do Ouvidor.

## O TERRENO DA AVENIDA PRESIDENTE WILSON

Ao dar início às atividades de 1944, a mesa da Academia resolveu pedir ao Governo da República um acréscimo de terreno à Avenida Presidente Wilson. Para isso constituiu seu representante perante as autoridades públicas o nosso querido colega Ataúlfo de Paiva. O que foi o esforço, o que foi o amor, com que esse nosso companheiro se entregou à tarefa de que estava incumbido, somente o poderá dizer o presidente da Aca-

mia, dia a dia por ele informado dos passos que estava dando. Tanta pertinácia, tanto devotamento, tiveram enfim a sua esplêndida recompensa: o Sr. Presidente da República, o nosso eminente confrade Getúlio Vargas, assinou, em dia deste mês, o decreto que nos concede uma nova área de terreno de vinte metros de frente por trinta e tantos de fundo, área contígua à nossa área atual. Assim, a Academia consegue incorporar ao seu patrimônio um novo terreno de valor considerável. Isso vai permitir à instituição realizar um velho sonho de tantos acadêmicos: a construção de um prédio de grandes proporções, prédio que, servindo como nossa sede, sirva também como uma extensa fonte de renda para a casa.

A fim de proceder aos estudos prévios para a construção desse prédio, ficou constituída uma comissão composta dos nossos colegas Ataúlfo de Paiva, Claudio de Sousa e Pedro Calmon.

Não é somente esse edifício da Avenida Presidente Wilson o que temos neste momento em caminho de construção. Em S. Paulo, possuímos um velho, quase impraticável prédio de três andares, num terreno valorizadíssimo da rua Ribeiro Badur: já estamos de posse de uma bela planta estudada para nova construção ali; e em tal terreno, daqui a pouco, deverá possuir a Academia um edifício de vinte andares. Continuando esse mesmo programa, estudamos ainda o levantamento de um prédio de dez ou doze andares na rua do Ouvidor, nesta cidade, no local em que hoje tem sede a Livraria Francisco Alves.

Estão aí três índices do grande progresso material que a nossa instituição tem atingido nos últimos tempos. Essas obras, tudo o indica, terão a maior significação para o futuro da Academia. Quando tais fontes de receita estiverem em pleno funcionamento, a nossa instituição poderá ampliar prestigiosamente o seu âmbito de realizações práticas.

Insistirei sempre em vos afirmar que a Academia precisa de instituir os grandes prêmios nacionais, prêmios que possam valer no Brasil como legítimas recompensas para os que trabalham no mundo literário. É urgente que possamos distribuir, cada ano, dois, três, cinco prêmios de real significação, prêmios de coramento às obras, prêmios de cinquenta, de cem mil cruzeiros. Insistirei sempre em mostrar que precisamos traçar um vasto programa para a publicação das grandes obras dos autores brasileiros, das grandes obras que pertencem ao passado e que precisam de ser difundidas entre os leitores dos tempos atuais. Nesse sentido não sei como possamos dignamente louvar a Comissão de Publicações, a cujos devotados esforços já devemos tantas

obras fundamentais de nossa cultura literária e histórica. Insistirei sempre em vos dizer que precisamos ter os olhos voltados para a nossa Biblioteca e para o nosso Arquivo, dois departamentos da maior importância em nosso grêmio, dois departamentos que, entretanto, ainda não se encontram convenientemente organizados.

Outro ponto sobre o qual desejo ainda fazer um reparo é, se assim nos podemos expressar, o das utilidades sociais, senão humanitárias, da Academia. Quando estivermos com esses vários prédios funcionando, poderemos, cada ano, destinar uma verba ao amparo de tantos escritores caídos em necessidade, ao amparo de tantas famílias de escritores desgraçados, que morreram deixando mulher e filhos na indigência... É certo que já possuímos uma série de pensionistas da Academia. Mas o número destas, que está em correspondência com as nossas posses atuais, deverá, a meu sentir ser muito ampliado, bem como deverão ser bem aumentadas as pensões que hoje distribuímos.

É para a execução desse vasto programa que todos nós, acadêmicos, devemos estar juntos e solidários. Não haverá, aqui dentro, vozes divergentes, quero crer. As que acaso o fôsemos estariam combatendo a própria Academia. Nesse ponto só o futuro nos dirá se eu tenho ou não razão...

## A QUESTÃO ORTOGRÁFICA

No ano que está a expirar, tivemos, mais uma vez, agitada dentro da Academia, uma questão de grande monta — a questão ortográfica. Chegou o Governo da República, por intermédio do seu órgão competente — o Ministério da Educação — a verificação de que o acordo ortográfico assinado com Portugal não estava perfeito, e concluiu que era necessário enviar àquele país, para um entendimento final com a Academia das Ciências de Lisboa, uma comissão da nossa Academia. Entendeu-se, nesse sentido, com a Diretoria da casa, e esta designou para constituírem tal comissão os Srs. Rodolfo Garcia, Barbosa Lima Sobrinho e Olegário Mariano, sendo incorporado à mesma, por proposta do último desses acadêmicos, o nome do presidente da instituição. Estava a comissão pronta para partir para Portugal; mas sobrevieram outros acontecimentos, do conhecimento dos Srs. Acadêmicos, e ela deixou de seguir.

## O Vocabulário da Academia, porém, está reconhecido oficialmente, por ato do Governo da República, datado de 1 de junho.

## A GESTÃO FINANCEIRA

Quanto à gestão financeira de 1944, cumpro-me apenas chamar a vossa atenção para a proposta de orçamento feita para o exercício a seguir. Ali veréis que, não obstante

os aumentos feitos em nossa cédula de presença, não obstante os aumentos de 10 e 20 por cento concedidos aos funcionários da casa, conseguimos realizar um saldo de 117 mil cruzeiros. Devemos 150 excelentes resultados — fricmo-lo com o nosso maior sentimento de gratidão — aos esforços da benemerita Comissão de Contas, a qual estudou com o mais desvelado carinho a renovação dos nossos contratos de aluguel, obtendo, em todos eles, as melhorias que a lei garante. Permiti-me lembrar aqui, particularmente, o incalculável valor da cooperação que em tal capítulo me deu o nosso eminente colega Claudio de Sousa.

## O NOVO PRESIDENTE DA ACADEMIA

É assim, meus caros colegas, sob auspícios que nos parecem ótimos, que entregamos a mesa eleita para o exercício de 1945 os encargos e as responsabilidades complexíssimas da direção da nossa instituição. É com satisfação que vejo à frente da nova diretoria uma figura como a de Pedro Calmon, homem raro, dotado de tanta iniciativa, de tanta força de vontade. Nele tive, sempre, durante os longos anos em que já temos trabalhado juntos, um colaborador eficaz, um amigo sem jaças. Ao passar-lhe a presidência da Academia, faço-o confiante em que ele, com a sua prudência, com o seu tato, com o seu grande amor a esta casa, saberá trabalhar mais do que eu para o engrandecimento e o progresso da instituição que todos amamos tanto.

## ANTONIO DE MORAES SILVA

(Concluído da 5.ª pag.)  
suímos no gênero; porque ainda não foi ultrapassada em clareza o senso nas definições, exemplos dos clássicos e cópia de termos do Brasil.

Antônio de Moraes recebeu perseguições da Inquisição em Portugal, emigrou para a Inglaterra, onde estudou a língua e a rica literatura do país. Isto foi-lhe de inestimável vantagem para a confecção do seu dicionário.

Além de alguns pequenos trabalhos, traduziu do inglês uma história de Portugal.

Os últimos anos de sua vida passou-os em Pernambuco, onde não quis tomar parte na revolução de 1817, apesar de honrado pelo governo republicano e nomeado para certos cargos.

Um lexicógrafo, como força intelectual, é uma força conservadora. Disciplinador e fotógrafo da língua num dado momento, como que a imobiliza um instante. Mas esse trabalho é conveniente, é indispensável. Os elementos dinâmicos da linguagem continuam sempre a sua ação e o progresso é assim sempre uma realidade. Não regateemos a Moraes Silva os louvores de que ele deve ser exigente. Nasceu em 1757 e faleceu no Recife nos 11 de abril de 1824. (1)

(Manual da História da Literatura Brasileira)

(1) Acerca do autor escritor — veja-se o opúsculo recente de Pereira da Costa sob o título — Notícia Bibliográfica de Dr. Antônio de Moraes Silva. Recife, 1906.

# A POESIA

## NOTA SOBRE DALZO

BIBLIOGRAFIA DE DALZO  
"Printemps Ancien" —  
VIII — 67 páginas — Pre-  
fácio de Jean de Bonnefon  
— Société d'Éditions Mansi  
& Cie. — Paris e Nice —  
(5 d.)



Dalzo — o camponês de Rougé — em companhia de sua esposa D. Maria, filha de Carlos, já falecido. A fotografia é do tempo de suas primeiras viagens.

"Dalzo" é o pseudônimo de uma poetisa brasileira, de há muito radicada na França. Trata-se da Condessa Orelia de Rougé, esposa do Conde Bonafé de Rougé.

Nasceu ela no Rio de Janeiro, e é filha de Joaquim José Correia da Costa e D. Ana Correia da Costa. Começando a escrever em português, publicou diversas poesias em jornais e revistas cariocas. Encontramos produções suas, por exemplo, na coleção de "Renascença", em números de 1906. Ali "Dalzo" anunciou um livro o seguinte: "Música".

Transferindo-se para a França, logo depois começou a colaborar em órgãos parisienses. "Femina", por exemplo, incluiu numerosas obras suas.

De seu casamento com o

Conde de Rougé, teve a neta illustre patriciã um filho, Charles Armand de Rougé. Ao começar a presente guerra, era ele um rapaz de 20 anos. Sem demora, apresentou-se ao exército, indo servir num regimento de tanques. Designado para um setor perigoso, na ponte do Château Thierry, opôs-se tenazmente à investida alemã, ficando sozinho no seu tanque em campo, e morrendo como um herói.

"Dalzo" publicou, em francês, uma formosa coleção de seus versos, intitulada "Printemps Ancien".

Prefaciou-a o crítico Jean de Bonnefon, e a edição da Mansi & Cie.

E' de "Printemps Ancien" que extraímos os trabalhos de "Dalzo" que agora

De seu casamento com o

## DALZO, NA APRECIACÃO DE JEAN DE BONNEFON

Esta coletânea será mesmo um livro? É menos e é melhor. É a expressão delicada de sentimentos que, à força de uma natural profundidade e de uma natural beleza, encontraram uma forma literária quase perfeita. Dalzo, grande francesa por língua, não nasceu em nossa terra, não saiu de nossa raça; mas escreve num francês puríssimo, tão puro como a gota de orvalho, tão puro como a gota de lágrima, tão puro como a gota de sangue, tão puro como aquilo que parece ignorar a sua pureza. Dalzo alcança sem o saber essa qualidade do escritor que faz esquecer a gramática para a esquecer do artista que se serve das palavras como de cores para as idéias. Seu talento deve ter nascido no gosto pela solidão, na febre da esperança. Contra isso, as forças pervertidas dos salões nada podem. A poesia de Dalzo é peculiar, e é original. (Trecho do prefácio de "Printemps Ancien").

### Le vertige de la jeunesse sur la mort (Mme. de Maailles). L'ATTENTE

Vous ne devez venir un de ces jours, sans doute,  
Je rêve à la douceur de vos traits inconnus.  
L'âme dore déjà les grands chemins... J'écoute  
Vos pas mystérieux qui sont presque venus.

Mon âme de lueur et d'ombre est une voûte  
Où tous les mois de foi sans vous, se seraient tus.  
Vos pieds se sont-ils donc blessés de par la route?  
J'étendrais mes cheveux défaits sur vos pieds nus.

Et mon cœur chantera tout haut sa folle fivresse  
A toi qui dois venir un jour de ma jeunesse  
T'aurai-je donc aimé dans l'au-delà des temps

Pour que mon être épris te cherche sur la terre  
Ainsi depuis toujours? Pèlerin du mystère  
Vous qui devez venir m'apporter le printemps,

Vous qui devez venir, venez, je vous attends!

### II

Le temps passe, il est tard. L'automne sombre  
[et las  
Traîne sous les bois morts son âme de souffrance...  
Mon cœur est maintenant comme un sonneur de glas

Qui ne sait même plus avoir d'impatience.  
Mon âme, mon âme, que faites-vous? Là-bas  
Est-il quelque prison qui vous garde en silence?  
Le temps passe. Il fait noir... Ne viendrez-vous donc pas?  
Je me secoue de fatigue et de désespérance.

Bien d'autres sont parés par ici, les yeux  
[doux...  
Mais que m'importe à moi ceux que ne sont pas vous?  
Tous les matins j'espère et tous les soirs je doute

Et cependant ces jours après les jours s'en vont  
Et je ne vois jamais au bout de l'horizon  
Que le vel douloureux des rêves en déroute

(Mon âme, mon âme, peut être mort en route)

### L'INCONNU

Au moment où l'ombre accompagne  
Le pas tranquille du berger,  
Mes sœurs, j'ai vu dans la montagne  
Un étranger.

Il était beau, furtif et pâle  
Comme ceux qu'on doit rencontrer  
Le simple bruit de sa sandale  
Faisait rêver.

Au moment de l'ombre incertaine  
— Mes sœurs, n'avez-vous donc pas vu?  
Sur le chemin de la fontaine  
Il est venu

J'avais mon bras sur l'épaule,  
Une étoile brillait là-haut...  
Quelle chanson disait le saule  
Au bord de l'eau?

Au moment de l'ombre indécise  
Qui fait tourner l'olivier gris,  
Sur la margelle en pierre grise  
Il s'est assis.

J'ai noué la corde à l'ampore  
Pour la descendre jusqu'au fond  
— Une étoile faisait un rond  
Dans l'eau sonore —

Est-ce vers moi qu'il se penchait  
Ou bien vers l'astre du rivage?  
O mes sœurs, j'ai vu le reflet  
De son visage...

Pas à pas, dans l'ombre, au moment  
Où nuit sur le val s'incline,  
J'ai redescendu la colline  
Pensivement...

Le vent est doux, la nuit soignée.  
— Mes sœurs, n'avez-vous donc pas vu  
Sur le chemin de la fontaine  
Un inconnu? —

### CHANSON

Lorsque plus tard je serai morte  
Viens chanter sur mon tombeau gris  
Comme jadis contre ma porte

Que le joyeux air désappris  
Soit ma gerbe et soit ma prière  
O mon amour, lorsque plus tard

Je serai seule au cimetière,  
Lentement, comme par hasard,  
Viens passer sur la route immense...  
Et que ta voix comme soleil  
Puisse encore griser le sommeil  
De mon cœur rempli de silence!

### LIBERATION

Afin de n'être plus l'esclave qui défaille  
Sous un trop lourd fardeau de pleurs, je m'en  
[irai...  
De ma prison d'amour la porte s'entrebaille  
J'ai brisé dans mon cœur la chaîne du regret.

Le vent qui seul faisait le tour de ma muraille  
M'a parlé du chemin qui mène à la forêt,  
Et pour que le courage aux yeux d'orgueil me  
[vaille

Au moment de franchir le pont je chanterai:  
Je vais donner mon âme ainsi qu'une offre  
[immense  
Au crépuscule aimé de l'aigle et du silence  
Afin qu'il la guérisse avec son baume d'or

Et puis je gravirai la pente des montagnes  
Et je m'en irai vivre en attendant la mort  
Avec la solitude et l'ombre pour compagnes

### RONDELI

"Personne ne comprend personne"  
Comment parler et pourquoi faire?  
L'enfant même est clos à la mère  
Le regard qu'on chérit s'étoigne...  
Nul ne connaît nul sur la terre  
Quoi donc toujours nous emprisonne?

Même en s'aimant, quoiqu'on se donne  
Chacun pour l'autre est un mystère...  
"Personne ne comprend personne"  
C'est sans remède et l'on frissonne:  
Côte à côte, en toutes les eras,  
Les âmes restent étrangères  
Puis l'on part seul quand l'heure sonne

Nous sommes tous des solitaires  
"Personne ne comprend personne"





# A MORTE DE ROMAIN ROLLAND

Nesta fase atroz da história da humanidade, nesta fase que estamos vivendo entre tantas dores e tantas lágrimas cava-se um vazio

estar, tranquilidade material, em benefício das coisas desinteressadas da inteligência. Seu exemplo, na guerra de 1914, foi incomparável. Não

brutalidade nazista. Sua atitude revestiu-se de uma significação importantíssima, por todos os motivos: pela esplendor e a magnitude de sua obra, pela posição de imparcialidade assumida na conflogação anterior, pela beleza das doutrinas pacifistas que sempre havia apre-  
ciado.

Os sequeiros de Hitler não puderam suportar a sua conduta, e meteram-no em um dos seus campos de concentração. Romain Rolland, afluente e cansado, via a sua saúde dia a dia deperecer.

Em outubro de 1943, o telégrafo transmitia ao mundo a notícia de sua morte. Foi desmentida a notícia da morte — embora todos suspeitássemos que para aquele grande espírito era bem pior do que a morte a reclusão infecta num campo de concentração...

Romain Rolland morreu agora, com 80 anos de idade. Seu velho coração, ao aquecer, estava, com certeza, deserto de crenças e esperanças, só povoado de delusões.

Contudo seu grande exemplo vai ficar indelevelmente guardado para a humanidade, e constituirá, em todos os tempos um fecundo

e luminoso estímulo para todos os homens que neste miser planet possuirem a virtude maravilhosa, da sinceridade e da boa vontade.

Porque Romain Rolland  
foi em tudo e antes de tudo,  
esse ser incomparavelmente  
formoso: uma alma de fa-  
lva.



*Romains Holland, unum refectis scitis per Portinari*

imenso para o nosso espírito, todas as vezes que vemos desaparecer um grande valor moral, um daqueles que haveriam de servir como uma garantia de boa vontade e de retidão, de intenções, na reconstituição do mundo.

Essa foi a grande significação que teve, nesta hora, a morte de Romain Rolland.

Poucos homens, no mundo de hoje, poderiam falar tão alto quanto ele, em nome do Espírito. Nenhum soube sacrificar tanto, na vida, daquilo que significasse bem

ficando de acordo com um, nem com outro dos grupos que se defrontavam nos campos de batalha, ele exilou-se na Suíça. Ali, com um pupilo de homens de crenças iguais às suas, não cessou de gritar contra a luta e o morticínio, mostrando a todos os homens os caminhos rútilos da Paz.

Na guerra atual não manteve a mesma atitude de abstenção e de protesto — que em 1914 era fácil de compreender. Soube erguer-se num protesto contra o

A Academia Brasileira de Letras acaba de criar, em sua diretoria, a cargo de diretor do arquivo. Instituição que tem congregado algumas das figuras mais altas do pensamento brasileiro, possui, de suas atividades, preciosos documentos e reminiscências, e a ela chegam, de todas as origens, importantes ofertas de peças raras que pertenceram a seus membros ou a escritores de nomeada do país e do estrangeiro. Não lhe cabe apenas a guarda e vigilância da língua nacional, mas também a do patrimônio literário, compreendido no seu mais alto sentido, que inclui, por certo, dentre outros aspectos, a correspondência dos escritores, as inéditas, as primeiras edições de

sus obras, as publicações esparsas em jornais e revistas, os entrevistas concedidas à imprensa, a crítica publicada a respeito de cada qual, as atividades praticadas na Academia e foro, no domínio das letras e nos demais profissões que acaso exercesse, a coleta de retratos, caricaturas, bustos, máscaras e quantos elementos possam fixar a imagem dos acadêmicos.

micos e outros grandes vultos de nossas letras. Essa função de arquivo vai além. A seu serviço, devem estar o cinema e o disco, aquele para a filmagem, como sonorização, de quantos seja possível passar para a película, perpetuando - lhe a imagem, movimentos e som, este, para registro da voz e do pensamento. O Instituto Nacional de Cinema Educativo, que tem na direção o mais moderno e completo dos pesquisadores e documentadores, prof. Roquete Pinto, já iniciou essa tarefa. Também a discoteca da Prefeitura tomou a si as primeiras gravações. O concurso das duas instituições será um fator de enriquecimento do Arquivo da Academia.

O Arquivo da Academia nos moldes em que se vai estruturar, poderá vir a ser a mais preciosa fonte de estudos das nossas atividades literárias. — C. K.

(A NOITE — 4-1-45



*Romina Holland en compagnie de Marijke Groll*



# VERSOS NASCIDOS DO ARDOR DO AMOR DE DEUS QUE EM SI POSSUIA SANTA TERESA DE JESUS -- Tradução de João Alphonsus

## NOTA

Temos em organização um número do nosso suplemento dedicado a João Alphonsus, o ilustre prosador e poeta mineiro há pouco falecido. Para esse futuro número de **Autores e Livros**, Alphonsus de Guimarães Filho

tem remetido muitos trabalhos em prosa e versos de seu saudoso irmão, sendo que alguns desses trabalhos são inéditos da maior importância. Entre estes últimos, colocamos os **Versos Nascidos do Ardor do Amor do Deus que em si possuía Santa Te-**

**rosa de Jesus**, notável tradução feita por João Alphonsus. É esse o poema que hoje oferecemos ao leitor, não desejando escondê-lo por mais tempo a tantos que o hão de amar e admirar. Mais tarde o recolheremos, como o devemos, ao suplemento dedicado a João Alphonsus.

VIVO SEM EM MIM VIVER,  
E A TÃO ALTA VIDA CORRO  
QUE EU MORRO PORQUE NÃO MORRO,  
QUE MORRO DE NÃO MORRER.

## GLOSA

A divina reunião  
Deste amor em que me vivo,  
Faz a Deus ser meu cativo  
E livre o meu coração.  
Mas causa em mim tal paixão  
A Deus meu cativo ver,  
QUE MORRO DE NÃO MORRER.

\*\*\*

Ai! como é comprida a vida,  
E duros estes desteiros,  
Este cárcere, estes ferros  
Nos quais a alma está metida!  
Só de esperar a saída  
Me faz tanto padecer,  
QUE MORRO DE NÃO MORRER.

\*\*\*

Ai! que vida tão amarga  
De não gozar o Senhor!  
E se é tão doce assim o amor,  
Não o é a esperança longa;  
Tire-me Deus esta carga,  
Este pesar sem socorro,  
QUE EU MORRO PORQUE NÃO MORRO.

\*\*\*

Sãmente com a confiança  
Vivo de que hei-de morrer  
Porque morrendo o viver,  
Me consolida a esperança,  
Morte do viver se alcança  
Não demores, vem num jorro,

QUE EU MORRO PORQUE NÃO MORRO

\*\*\*

Olha que o amor é bem forte!  
Vida, não seas molesta;  
Olha que apenas te resta,  
Para te gozar, a morte;  
Venha já a doce sorte,  
A morte para viver,  
QUE MORRO DE NÃO MORRER.

\*\*\*

Aquela vida do alto, altiva,  
É que é a vida de verdade.  
Quando a vida não se evade,  
Não se goza estando viva.  
Morte, não seas esquivo;  
Vivo e morro sem viver,  
QUE MORRO DE NÃO MORRER.

\*\*\*

O' vida, que posso dar  
A meu Deus em mim vivenda  
A não ser em te perdendo  
Para melhor O gozar?  
Quero morrendo O alcançar,  
Pois que só para Ele corro.  
QUE EU MORRO PORQUE NÃO MORRO.

\*\*\*

Estando ausente de ti,  
Como a vida pode ser,  
Senão morte padecer,  
A maior que jamais vi?  
Tenho pena de mim, se  
O meu mal é sem socorro.  
QUE EU MORRO PORQUE NÃO MORRO.

(Belo Horizonte, 25-9-1942).



Dalzo, num desenho de Ennio

## Carta a Cairú

(Conclusão da 2ª pag.)  
de perpetuidade. Ficar-lhe-  
influir alguma coisa, me fa-  
ça a favor de mandar por  
via do amigo João de Deus o  
tal papel, que eu principal-  
mente destinava para deixar  
a alguns amigos uma prova  
pública de minha gratidão,  
ainda que o monumento não  
fosse de grande preço, nem  
Amigo afetuosos e obriga-  
dissimo serve,  
Antônio de Morais Silva

*Carta a Cairú*  
Rio, 6 de Maio de 1922.  
Meu caro amigo,  
remeto-lhe as provas de **Dante**, pedindo qua-  
m'as devolva, segunda-feira, para a **Academia**.  
Parece-me que a nota, única e final, deve sair  
como da redação da **Revista**.  
Resolverá o que melhor lhe pareça.  
Creia-me sempre com muito afeto e muita ad-  
miração,  
colega humilhado  
ALBERTO FARIA.

Rio, 6 de Maio de 1922.

Meu caro amigo,

remeto-lhe as provas de **Dante**, pedindo qua-  
m'as devolva, segunda-feira, para a **Academia**.

Parece-me que a nota, única e final, deve sair  
como da redação da **Revista**.

Resolverá o que melhor lhe pareça.

Creia-me sempre com muito afeto e muita ad-  
miração,

colega humilhado

ALBERTO FARIA.

Nota: — No fascículo que dedicamos a Alberto Fa-  
ria (volume 7.º) deixamos de incluir um documento que  
ali faz falta: o **fac-símile** do seu autógrafo. Tínhamo-lo à  
mão, entretanto, e era nosso propósito inclui-lo ali, a  
exemplo do que sempre fazemos para os escritores que  
estudamos em **Autores e Livros**. Embora um pouco re-  
tardado, damo saqui o autógrafo de Alberto Faria, do-  
cumento que deve, portanto, ficar ligado ao fascículo a  
que acima nos referíamos, (aparecido em 16 de Julho  
do ano passado).

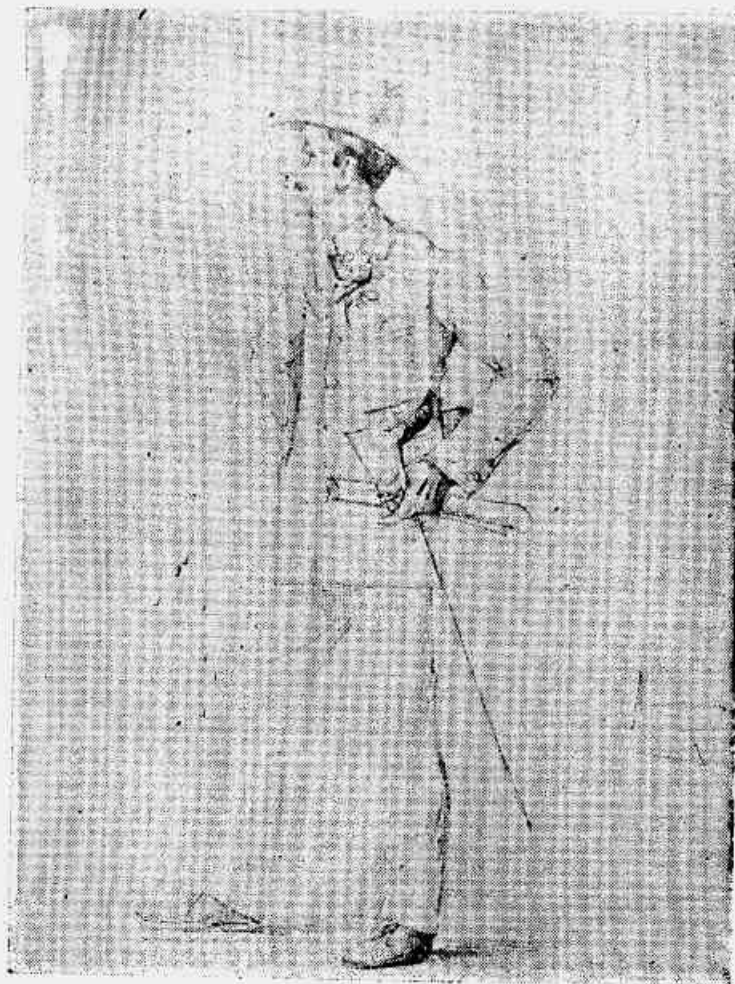
## GALERIA DE ARTE



# ESCRITORES BRASILEIROS

## BALADA DO REI DAS SEREIAS

MANUEL BANDEIRA.



O REI ATIROU  
SEU ANEL AO MAR  
E DISSE AS SEREIAS:  
— IDE-O LA BUSCAR,  
QUE SE O NAO TROUXERDES,  
VIRAREIS ESPUMA  
DAS ONDAS DO MAR!

FORAM AS SEREIAS,  
NAO TARDOU, VOLTARAM  
COM O PERDIDO ANEL.  
MALDITO O CAPRICHIO  
DE REI TAO CRUEL!

O REI ATIROU  
GRAOS DE ARROZ AO MAR  
E DISSE AS SEREIAS:  
— IDE-OS LA BUSCAR,  
QUE SE OS NAO TROUXERDES,

VIRAREIS ESPUMA  
DAS ONDAS DO MAR!

FORAM AS SEREIAS,  
NAO TARDOU, VOLTARAM,  
NAO FALTAVA UM GRÃO.  
MALDITO O CAPRICHIO  
DO MAU CORACAO!!

O REI ATIROU  
SUA FILHA AO MAR  
E DISSE AS SEREIAS:  
— IDE-A LA BUSCAR,  
QUE SE A NAO TROUXERDES,  
VIRAREIS ESPUMA  
DAS ONDAS DO MAR! I

FORAM AS SEREIAS...  
QUEM AS VIU VOLTAR?...  
NAO VOLTARAM NUNCA:  
VIRARAM ESPUMA  
DAS ONDAS DO MAR!

Cartão de artista

Petrópolis, março de 1943

# A VIDA DOS LIVROS

Na seção de comentários extraordinária de *Autores e Livros*, tivemos uma seção com o título acima no qual fazíamos, embora de maneira ligeira e sem intenção outra senão a de um mero registro bibliográfico, o reconhecimento dos livros aparecidos. O excesso de trabalhos, a que o ulterior desenvolvimento de *Autores e Livros* nos forçou, obrigou-nos a suspender aquela seção.

Hoje, entretanto, ao iniciar o colosso volume desta publicação, deliberamos criar de novo aquela coluna então iniciada. Na *Vida dos Livros* iremos registrar o reaparecimento das obras que nos foram enviadas, dando delas, toda a vez que nos for possível, uma referência bibliográfica ou crítica. Para as demais, limitaremos-nos ao mero registro bibliográfico. Creemos que com isso atenderemos às solicitações de tantos leitores, que têm frequentemente reclamado em *Autores e Livros* a existência de uma seção desta natureza.

Euclides da Cunha — *Rebellion in the Backlands*. Tradução para o inglês de Samuel Putnam — 326 páginas — Imprensa da Universidade de Chicago — Illinois. O ano de 1944 marcou um

acontecimento extraordinário para o prestígio da inteligência brasileira perante o mundo: o aparecimento, em língua inglesa, de "Os Sertões", de Euclides da Cunha. A edição é americana, e devemos-a ao sr. L. S. Rowe.

A tradução foi feita por Samuel Putnam que já tem outras notáveis traduções de português, de italiano e de francês.

Já agora podemos dizer que a tradução americana de "Os Sertões" constitui um êxito absoluto. Nessa versão, adquiriu o grande livro o título de "Rebellion in the Backlands". Ninguém que já tenha estudado um pouco a vida e a obra de Euclides da Cunha ignorará que o sucesso de "Os Sertões" foi rapidíssimo, e pareceu antes um ato de magia. Em dois ou três dias, o escritor, que antes era obscuro, passou a ser célebre. Deu no Rio e em todo o Brasil, uma verdadeira mania de Euclides da Cunha, uma verdadeira mania de "Os Sertões". E os críticos mais frios e impassíveis participaram de tal paixão. Ora, esse mesmo fato, registrado no Brasil em 1902, por ocasião do aparecimento da obra, acaba de repetir-se nos Estados Unidos.

Temos assim, agora, o nosso grande Euclides da Cunha colocado, pela justa admiração do mundo, no lugar que lhe cabe, na cultura universal como uma espécie de Homero brasileiro: o pastor maravilhoso de nossa alma nacional, tão cheio de dramas intensos, tão fulgurante de comoção e de poesia.

Medeiros Vellanda — *Letras da Província* — 199 páginas — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre — 1944.

O livro abrange os seguintes ensaios: Aleides Maia — A expressão literária e o sentido sociológico da sua obra; Augusto Meyer — Poesia e crítico.

João Paulo da Silva — Crítica Constitucional.

Dionello Machado — Do Conto ao Romance;

Eric Veríssimo — O Romancista;

Viana Moog — O Romance de um Escoteiro;

André Carravonzi — O Perfil do Presidente;

Althos Damasceno Ferreira — A Cidade e o Poeta;

O volume inclui ainda, em apêndice, uma conferência proferida pelo autor por ocasião

do centenário do nascimento de Machado de Assis.

Povina Cavalcanti — *Ausência de Poesia* — 299 páginas — Editor A. Coelho Branco Filho — Rio — 1942.

Serafim Leite — *Cumadas — Poeta da expansão da fé* — Separata, acuada, de 500 exemplares do Arquivo Camões da Academia Brasileira de Letras — 85 páginas — Imprensa Nacional — Rio 1943.

Alfonso Pena Junior (da Academia Mineira de Letras) — *Crítica de atribuição de um manuscrito da Biblioteca de Ajuda* — 71 páginas — Imprensa Nacional — Rio — 1943.

Louis Barthou (de L'Académie Française) — *La Vie Antourenze de Richard Wagner* — 139 páginas — América — Edit. — Rio — s.d. (1943?)

Eloy Pontes — *A Vida Exuberante de Otav Bilac* — 2 volumes — Edição Ilustrada — 683 páginas seguidas — Livraria José Olympio Editora — Rio — 1944.

O autor publicou anteriormente, uma obra sobre Machado de Assis, uma sobre Raul Pompéia, uma sobre Euclides da Cunha — cada uma delas enriquecida de um documentário de fatos e circunstâncias abundantíssimas.

Olavo Bilac, que é um dos maiores de sua predileção, foi agora estudado com o maior carinho.

De ora por diante quem quer que tenha que estudar a figura do autor de *Via Lactea* será forçado a meditar as páginas do sr. Eloy Pontes.

Ligia Fagundes — *Prata Viva* — Capa de Clovis Graciano — 138 páginas — Livraria Martins — Editora — São Paulo — 1944.

A autora desse livro é uma jovem paulista. Seus contos (dos quais damos em uma de nossas edições anteriores, uma amostra do leitor) são conhecidos e intensos, impregnados de dor e de poesia.

Podemos prever em Ligia Fagundes uma de nossas primeiras escritoras, daqui a alguns anos.

Endereço desta Seção — Fernando Mendes, 7 — Ap. 122 — Copacabana.